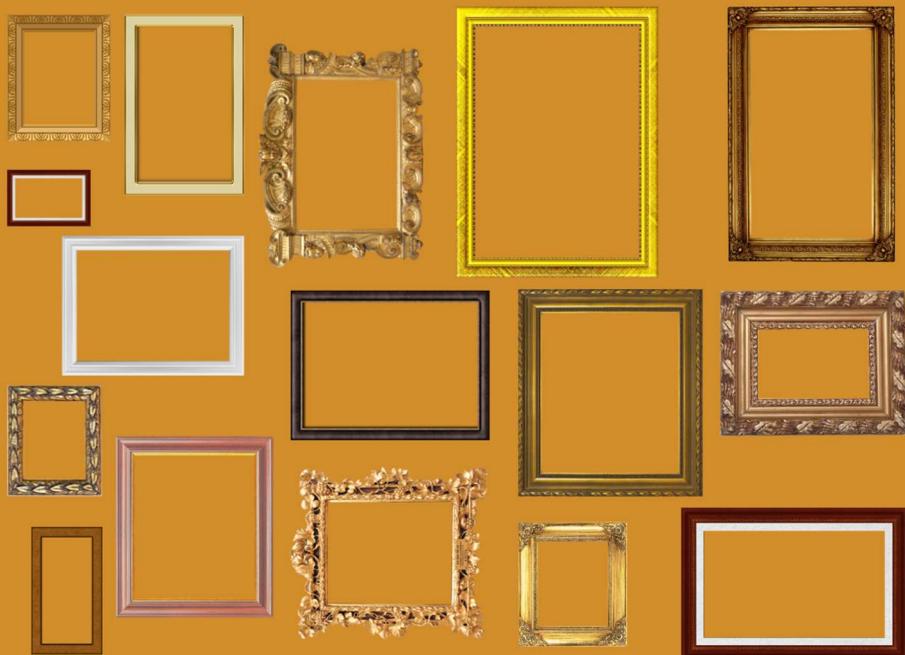


Neuza Alexandra Marcelino Santana
Isabel Sofia Calvário Correia
Pedro Balaus Custódio

A História em Língua Gestual Portuguesa Interpretação de Vídeoguia de um Museu



A História em Língua Gestual Portuguesa
Interpretação de Vídeoguia de um Museu

Comissão Editorial

Ma. Juliana Aparecida dos Santos Miranda

Dra. Marcelise Lima de Assis

Conselho Editorial

Dr. André Rezende Benatti (UEMS*)

Dra. Andréa Mascarenhas (UNEB*)

Dra. Ayanne Larissa Almeida de Souza (UEPB)

Me. Daniel Alem Rego (UFBA)

Dr. Fabiano Tadeu Grazioli (URI) (FAE*)

Fernando Miramontes Forattini (Doutorando/PUC-SP)

Dra. Yls Rabelo Câmara (USC, Espanha)

Me. Marcos dos Reis Batista (UNIFESSPA*)

Dr. Raimundo Expedito dos Santos Sousa (UFMG)

Ma. Suellen Cordovil da Silva (UNIFESSPA*)

Nathália Cristina Amorim Tamaio de Souza (Doutoranda/UNICAMP)

Dr. Washington Drummond (UNEB*)

Me. Sandro Adriano da Silva (UNESPAR*)

*Vínculo Institucional (docentes)

Neuza Alexandra Marcelino Santana

Isabel Sofia Calvário Correia

Pedro Balaus Custódio

A História em Língua Gestual Portuguesa
Interpretação de Vídeoguia de um Museu



Catu, BA

2025

© 2025 by Editora Bordô-Grená

Copyright do Texto © 2025 Os autores

Copyright da Edição © 2025 Editora Bordô-Grená

TODOS OS DIREITOS GARANTIDOS. É PERMITIDO O DOWNLOAD DA OBRA, O COMPARTILHAMENTO E A REPRODUÇÃO DESDE QUE SEJAM ATRIBUÍDOS CRÉDITOS DAS AUTORAS E DOS AUTORES. NÃO É PERMITIDO ALTERÁ-LA DE NENHUMA FORMA OU UTILIZÁ-LA PARA FINS COMERCIAIS.

Editora Bordô-Grená

<https://www.editorabordogrena.com>

bordogrena@editorabordogrena.com

Projeto gráfico: Editora Bordô-Grená

Capa: Keila Lima de Assis

Editoração: Editora Bordô-Grená

Revisão textual: Anderson de Almeida

Santos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Santana, Neuza Alexandra Marcelino.

A história em língua gestual portuguesa [livro eletrônico]: interpretação de vídeoguia de um museu/ Neuza Alexandra Marcelino Santana, Isabel Sofia Calvário Correia, Pedro Balaus Custódio. -- 1. ed. -- Catu - BA: Bordô-Grená, 2025.

PDF

Bibliografia

ISBN 978-65-80422-53-1

1. Língua Brasileira de Sinais 2. Língua de sinais 3. Linguagem e línguas 4. Museus 5. Vídeo I. Correia, Isabel Sofia Calvário. II. Custódio, Pedro Balaus.

III. Título.

25-301461.0

CDD-419

Índices para catálogo sistemático:

1. Libras: Língua brasileira de sinais 419

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Os conteúdos dos capítulos são de absoluta e exclusiva responsabilidade dos autores.

S U M Á R I O

INTRODUÇÃO	9
1. BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE LÍNGUA GESTUAL PORTUGUESA E TRADUÇÃO	11
1.1 A Língua Gestual Portuguesa	11
2. INTERPRETAR E TRADUZIR LÍNGUAS VISUAIS	17
2.1. Tradução e interpretação de textos museológicos	22
2.2. Questões prévias: a glosa	26
3. REFLEXÃO SOBRE A TRADUÇÃO E RECURSOS UTILIZADOS	31
1. Texto “00 – Funcionamento videoguia”	31
2. Texto “01 – Introdução”	39
3. Texto “04 – Origens”	47
4. Texto “07 – Entre o mar e a terra”	50
5. Texto “10 – A cadeia humana”	55
6. Texto “13 – Collippo e a dominação romana”	
7. Texto “16 – Uma batalha e uma igreja”	
8. Texto “19 – Promessa real cumprida”	63
9. Texto “22 – Tempos de esquecimento”	68
10. Texto “25 – Uma batalha sem fim”	73
11. Texto “28 – Despedida”	77
CONCLUSÕES	84
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	88
SOBRE AS AUTORAS E O AUTOR	90

Nota prévia

Volvidos 11 anos desde a elaboração desta breve reflexão sobre escolhas de tradução, e 14 anos depois do produto da tradução, pareceu-nos ser ainda relevante trazer à luz este trabalho. Os estudos e as reflexões sobre práticas tradutórias em solo luso são escassos, por isso, achamos ainda pertinente olhar para o passado e trazê-lo para uma reflexão com o devido distanciamento. Optámos por não o lapidar em demasia para que possa ser visto e lido como um diário reflexivo sobre as difíceis escolhas do tradutor; sobretudo, atrevemo-nos na tradução de línguas de modalidade distinta, motivação etimológica diferente e estatuto político díspar. Todavia, sempre com a consciência de que a materialidade não obsta à dignidade de ambos os idiomas em causa, reconhecendo-lhe plena concretização enquanto sistemas linguísticos completos.

O objetivo primeiro é o de que estas breves notas sirvam para pensar a tradução e possam servir também para a formação reflexiva de futuros tradutores e intérpretes que se vejam confrontados com este e outros desafios.

Coimbra, julho de 2025

Os autores

INTRODUÇÃO

Este trabalho versa sobre recursos linguísticos e técnicas tradutórias utilizadas em contexto museológico. A obra selecionada para tradução foi um áudio-guia de um museu para Língua Gestual Portuguesa (LGP), realizada em parceria com outros dois intérpretes de LGP e uma equipa de membros da comunidade Surda, nomeadamente professores de LGP e dirigentes associativos, que validaram o produto final e propuseram alterações, quando as consideraram necessárias para uma percepção mais clara e precisa. O videoguia em língua gestual foi instalado num aparelho eletrónico móvel que pode ser levantado na receção do museu e acompanhar os visitantes surdos, os quais serão, desta forma, completamente autónomos, acedendo plenamente a toda a informação relativa à exposição permanente da instituição.

O nosso estudo divide-se em várias partes: a primeira refere-se ao enquadramento de questões teóricas associadas às especificidades da Língua Gestual Portuguesa e dos recursos tradutórios; a segunda centra-se na descrição dos códigos utilizados para o registo da glosa da LGP que serviu de apoio à tradução, seguida da reflexão sobre as escolhas de interpretação, efetuando-se uma comparação dos textos de partida e de chegada; uma terceira e última parte visa o desfecho deste trabalho, com a apresentação das principais conclusões obtidas do resultado final de uma tradução desta natureza.

Pretende-se, também, com as nossas reflexões, dar a conhecer as particularidades da transposição de uma língua oral para uma visual, por serem muito distintas nas suas modalidades de receção e expressão,

afetando naturalmente a organização das ideias nas frases, que não são correspondentes diretas numa tradução de índole similar a esta. Além disso, é nosso desiderato que este trabalho sirva para a formação de futuros intérpretes de LGP, sobretudo tornando-os conscientes do leque de possibilidades tradutórias e da necessária reflexão e responsabilização sobre cada uma das nossas escolhas no ato de traduzir.

1. BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE LÍNGUA GESTUAL PORTUGUESA E TRADUÇÃO

1.1 A Língua Gestual Portuguesa

A LGP é a língua de expressão da comunidade surda portuguesa que, ao assumir-se como minoria linguística-cultural, a utiliza. Deste grupo de utilizadores, fazem parte surdos gestualistas, intérpretes de língua gestual portuguesa, investigadores, professores, entre outros. A LGP foi reconhecida como língua de ensino da comunidade surda em 1997, na constituição da República artigo 74, alínea h. Vários foram os passos que para chegássemos até aí, nomeadamente a produção de investigação (Prata, 1980; Amaral & Coutinho, 1994) e a luta da comunidade surda para ter representatividade nacional, manifestada quer por associações de surdos, quer por personalidades individuais.

A LGP é um sistema constituído por signos linguísticos bifaces, com significado e significante, arbitrários, icónicos e convencionais como já os estudos acima demonstraram e outros, mais recentes, comprovam (Correia & Custódio, 2019); (Correia, Sousa & Oliveira, 2020); (Correia, 2020); (Correia, Custódio & Silva; 2021); (Correia & Silva, 2023). Assim, é um idioma que representa a forma como a comunidade surda portuguesa vê o mundo e que não depende, nem advém do português, mantendo com ela apenas relações de línguas em contacto (Correia, Santana & Silva, 2020); (Correia & Custódio, 2024).

Assim, todas as propriedades das línguas se materializam na LGP, o que a diferencia, se tivermos como comparação o português, é

o facto de se tratar de uma língua de modalidade espaciovisual. Não estamos diante de um sistema que tem como articuladores o aparelho fonador, nem como receptores os ouvidos, mas sim que se materializa nas mãos e na face, sendo percecionada pelos olhos. Esta diferença formal é determinante, por exemplo, na existência dos designados signos gestuais icónicos, ou seja, aqueles que retêm alguma semelhança com o objeto que representam, que pode ser de maior ou menor grau, como, por exemplo, nos vocábulos gestuais BOLA e CHUVA¹. Sublinhe-se que a iconicidade nos signos gestuais não é universal, ou seja, um mesmo gesto pode ser icónico numa determinada cultura e em outra não, ou, por exemplo, o gesto ser igualmente icónico e ter significado distinto ou, ainda, o gesto possuir grau de iconicidade, mas ser distinto consolante a cultura que o utiliza².

O facto de se utilizarem estes articuladores e o espaço tridimensional, contribui para que estes vocábulos icónicos, muitas vezes de raiz metonímica, não se situem apenas ao nível lexical, mas sim se constituam em estruturas classificadoras ou representativas (depictive, Schembri, 2003), isto é, determinadas configurações de mãos, movimentos de mãos e localizações espaciais funcionam como estruturas que contribuem para a coesão discursiva e para a representação da visualidade (Carmo, 2016).

¹ Para visualizar estes exemplos consulte-se www.spreadthesign.com

² Um claro exemplo é a representação de BOLA em várias línguas gestuais. Consulte-se www.spreadthesign.com. Veja-se também várias representações icónicas de frutas em LGP e LIBRAS. Consulte-se (Campos, Correia & Silva, 2022).

Os classificadores podem apresentar diversas formas, segundo a sua execução: descritivos (ou seja, especificam o tamanho, a forma do corpo ou de uma parte do corpo), semânticos ou de entidade (a configuração manual representa a categoria do objeto) e instrumentais ou de manuseio (Santana 2012; Carmo, 2016; Correia, Oliveira & Sousa, 2020); Paiva (2024)³. Assim, a título de exemplo, a execução do gesto é alterada por completo, segundo o animal ou a pessoa que está a efetuar o ato, o que acontece com verbos como COMER, ANDAR e BEBER, tendo o gestuante de indicar a ação através da imitação (corporal) do agente. Existe ainda uma variedade de formas para indicar o manuseamento do objeto, pois, aquando da execução de determinados verbos, esta incorpora a forma de como está a ser manipulado, como no caso de COMER (com talheres, colher, à mão, sandes, bolo, rebuçado ou pastilha) e BEBER (de um copo, garrafa, torneira ou fonte).

Além da representação linguística ser visual, e, também, por isso, a estrutura sintática mais comum da LGP também não é a mesma do português. Portanto, a ordem SOV é a mais frequente sendo a ordem SVO usada apenas em desambiguação, ou por influência do contacto com o português ou, ainda, por pouca proficiência linguística (Correia, Santana e Silva, 2020). Desta forma, a ordem da LGP rege-se principalmente na coerência visual das ações, naquela que se topicaliza e, na maior parte das vezes, na que tem mais representatividade visual.

³ Para um exemplo de uma estrutura classificadora numa frase veja-se “Proibido estacionar”, no item “frases” em www.spreadthesign.com.

Apesar do explanado previamente acerca de não haver na LGP uma ordem sintática inflexível, há algumas regras constantes, principalmente no que concerne à posição dos verbos na frase, que tendem a vir no final, exceto nas frases na negativa, quando a partícula de negação segue o verbo, ao contrário do que se passa no português. Assim sendo, uma frase como “Hoje não vou à praia” ficaria, em LGP, HOJE PRAIA IR NÃO. Existem, ainda, na LGP, alguns verbos cuja forma na negativa difere da afirmativa, como é exemplo NÃO. GOSTAR, NÃO.QUERER, NÃO.CONSEGUIR, entre outros e, nestes casos, a negativa está amalgamada no verbo e, por conseguinte, surge um verbo na negativa, no final da frase, como COMER NÃO.QUERER (“Não quero comer!”).

Importa ainda fazer referência à modulação verbal que ocorre com a necessidade de alterar a forma de determinada ação sem se recorrer a construções perifrásticas (uso de verbos auxiliares em conjunto com os principais, de forma a transmitir o aspetto verbal), por divergir bastante do que se passa no português. Deste modo, para as variações aspetuais que ocorrem segundo a execução da ação, é comum incorporar-se algum tipo de alterações na realização do gesto, ainda que sejam mantidos parâmetros como a configuração manual, localização e orientação, mas modificando a expressão facial ou o movimento, para indicar que houve uma diferença na forma como determinada ação foi realizada. Verificam-se, pois, os seguintes aspetos verbais na LGP (Santana, 2012): incoativo (indica uma ação que está para começar, mas ainda não teve início, sofrendo uma paragem brusca e refletindo-se na

execução do verbo, que também ele não é concluído, acompanhado de expressão facial específica), ingressivo (ação que já começou, mas que está numa fase incipiente, transmitido através da inclinação do corpo para a frente e podendo haver uma breve e rápida repetição do verbo), continuativo (ou durativo, centrando-se no tempo de execução de uma ação, através da reduplicação do gesto e uso de expressão facial específica – ‘bochechas cheias’), perfectivo (que se refere a uma ação terminada, expressa através da ausência de movimento, ou movimento latente, no final do gesto), gradual (apresentando-se num estado faseável, para indicar o desenvolvimento progressivo de uma ação, através da execução lenta do verbo, com pausas entre cada uma das etapas), iterativo (que faz referência a ações que se repetem várias vezes durante um período de tempo, pela reduplicação rápida do gesto), pontual (em que a ação é como um ponto no tempo, de duração escassa, e transmitida através da execução do verbo de forma mais rápida que o normal, sem repetições) e frequentativo (para ações que se repetem de forma habitual, cuja execução se baseia na repetição rápida do gesto, acompanhada pela expressão ‘PÁ-PÁ-PÁ’).

A expressão não manual, uma das unidades mínimas significativas da LGP e de outras línguas gestuais, pode assumir várias funções na frase, pelo que pode assemelhar-se à entoação utilizada na oralidade, tendo, assim, um carácter suprassegmental. No entanto, o seu uso não se cinge apenas à “entoação visual”, mas pode surgir como detentora de significado, sendo frequente a execução de determinada expressão não manual para alterar o sentido inicial de uma ação ou de

um adjetivo, apresentando-se, portanto, como uma característica semântica da LGP (por exemplo: ‘bochecha cheia’ associada a um verbo e a outros componentes não manuais pode significar negativa ou duração longa e associada a um adjetivo pode indicar “muito”).

Uma outra característica das línguas visuais é o uso do espaço em redor do gestuante para ordenar, organizar ações e situar sujeitos e/ou objetos de forma a estabelecer relações entre si ou comparações e flexionar verbos direcionais (espaço sintático). É também frequente usar este mesmo espaço para indicar a localização espacial de uma realidade.

Todas estas características particulares acima brevemente descritas, contribuem para que traduzir uma língua oral para outra de modalidade visual seja um desafio. Assim, o tradutor/intérprete além de ter de recorrer a equivalentes linguístico-culturais, léxico, etc. tem ainda de transpor duas línguas materialmente distintas.

Pelo já descrito nesta pequena nota introdutória referente à modalidade visual da LGP (ainda que estando longe de uma caracterização linguística), e para que este trabalho seja percetível por qualquer leitor, será importante esclarecer algumas questões técnicas que irão ser tratadas ao longo da análise linguística apresentada. Atentemos no ponto seguinte no que pode significar ser intérprete de línguas visuais, mais concretamente intérprete de LGP.

2. INTERPRETAR E TRADUZIR LÍNGUAS VISUAIS

A profissão de intérprete de Língua Gestual Portuguesa (ILGP) foi definida pela Lei 89/99, de 5 de Julho e estabelece que os intérpretes devem frequentar com aproveitamento um curso superior de, no mínimo, três anos que inclua, obrigatoriamente, formação específica em Língua Gestual Portuguesa e no português. Refere-se ainda na lei que é da sua responsabilidade “preparar as condições do processo de comunicação de acordo com as diferentes situações ou contextos”, “interpretar e traduzir, simultânea ou consecutivamente, a informação em língua gestual para língua oral ou escrita e vice-versa, utilizando as técnicas de tradução, retroversão e interpretação adequadas”. É ainda importante evidenciar que a mesma legislação refere a obrigatoriedade de os intérpretes respeitarem um código de ética¹, pelo que é aqui destacada a necessidade de “realizar uma interpretação fiel, respeitando o conteúdo e o espírito da mensagem de emissor” e, por outro lado, de

¹ O Código de Ética e Linhas de Conduta do Intérprete de LGP foi criado em 1991 pela AILGP – Associação de Intérpretes de Língua Gestual Portuguesa e, aquando da publicação da Lei 89/99 ficou definido que “O Governo promoverá a elaboração do código de ética e linhas de conduta do intérprete de língua gestual portuguesa ouvidas as associações representativas da comunidade surda e dos intérpretes de língua gestual”, pelo que neste momento a ANAPI-LG – Associação Nacional e Profissional da Interpretação – Língua Gestual, já elaborou uma Revisão do Código de Ética do Intérprete de LGP (aprovado em assembleia geral) e integrou o Núcleo para a Língua Gestual Portuguesa, criado pelo despacho n.º 15586/2013, de 28 de novembro que tem “como missão nuclear, acompanhar, estudar e resolver as questões suscitadas no âmbito da Língua Gestual, tendo também em conta as recomendações emanadas pelas entidades nacionais e internacionais competentes”. Apesar de a ANAPI-LG ter apresentado um pedido de regulamentação da Lei à Assembleia da República, ainda se aguardam concretizações face a esta questão.

“utilizar uma linguagem compreensível para os destinatários da interpretação”.

É em milésimos de segundos que o ILG lida com a receção do texto de partida, recorre à sua memória a curto e longo prazo para não só entender a mensagem, tal como selecionar a melhor forma de a transpor para a língua alvo, tal como o representado na imagem seguinte:

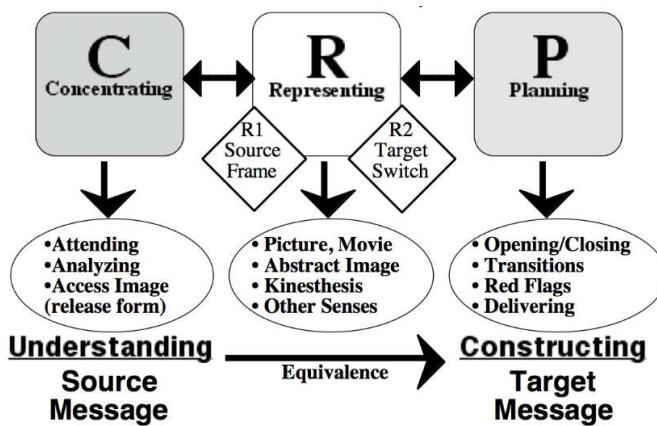


Figura 1: Pedagogical Model of the Interpreting Process, Betty Colonomos (1989).

Este modelo já sofreu algumas alterações com o decorrer dos tempos – a primeira em relação à construção do significado e a segunda no que se refere a fatores que estão envolvidos, ora no processo de análise da mensagem, ora na composição do texto final. Esta exemplificação serve para ilustrar a veloz atividade cerebral constante a que o intérprete está sujeito aquando do processo de interpretação de um texto e o curto tempo que tem à sua disposição para tomar uma série

de decisões para o transpor para outra língua. Temos ainda de distinguir entre o sintagma intérprete de LGP e tradutor de LGP. Esta distinção é similar àquela que se usa para as línguas orais, ou seja, na interpretação o produto é efémero, podendo esta ser simultânea, ocorrendo no período e espaço em que se transmite a mensagem na língua de partida², numa conferência, por exemplo, ou consecutiva, isto é, há pausas e pode haver interrupções, por exemplo, numa aula ou numa consulta médica. A tradução representa uma preparação maior com mais tempo e o produto é permanente. Será este o caso analisado no nosso trabalho.

A interpretação de uma língua gestual para uma oral (e vice-versa) é um processo em tudo similar à realizada entre duas línguas orais, diferindo apenas nas modalidades de produção e receção, pois enquanto as orais são produzidas via vocal (através do aparelho fonador) e recebidas sob a forma sonora, as gestuais são recebidas pela visão e transmitidas manualmente. A maior diferença é que um intérprete de línguas orais utiliza os mesmos canais de receção e produção, enquanto um profissional que trabalha com língua(s) gestual(is) recebe a mensagem através do canal de receção da língua de partida e enuncia o texto de chegada através de outra modalidade.

Existem vários recursos linguísticos e tradutórios utilizados pelos profissionais, desde a tradução **literal** (palavra-a-palavra) à **adaptação cultural**. Por vezes, também há a necessidade de introduzir novas

² Um intérprete que trabalhe com duas ou mais línguas, tem sempre de lidar com dois textos: o texto de partida e o texto de chegada. O primeiro refere-se ao original, que deve ser traduzido ou interpretado da língua fonte para a língua alvo, sendo que, após realizada a sua função, o resultado final é um texto de chegada.

informações, de forma a tornar a mensagem mais percetível para o(s) recetor(es) (**ampliação** ou **paráfrase**) e existe ainda o contrário, aquando de enumerações extensas sem grande sentido na língua de chegada, havendo a necessidade de se proceder a uma **omissão** ou **generalização** (uso de hiperónimos em substituição dos hipónimos). O intérprete pode ainda realizar uma **alteração da ordem** (dos elementos da frase), executar uma **explicitação** (quando é feita uma referência exata ao que se quer explicar, fazendo uma pausa propositada após a indicação do termo destacado) ou usa-se a técnica do **reforço** (ou seja, há a necessidade de repetir, no final da frase, a ideia inicial). A questão do uso das técnicas de tradução é muito complexa, pois, apesar de haver uma série de formas de traduzir uma mensagem de uma língua fonte para uma língua alvo, há que ter em conta as **equivalências**, que são realizadas sempre que não existam termos específicos para determinados conceitos na língua de chegada e que pressupõem a utilização de outros de valor semelhante (ou equivalente), algo a considerar, por exemplo, em expressões idiomáticas ou provérbios, por estarem associados a uma série de valores culturais específicos das línguas envolvidas.

Há também especificidades linguísticas que influem no processo de interpretação, algumas quase exclusivas das línguas gestuais. Uma técnica constantemente utilizada pelos utilizadores da LGP é a de “Role-shift”, em que o emissor assume o papel de um agente ou sujeito da frase, ainda que não haja referência à primeira pessoa do singular, mas sim à terceira. O “Role-shift” utiliza-se quando o corpo do

gestuante assume características comportamentais e/ou físicas dos vários intervenientes do texto, não havendo necessidade de referir a pessoa de quem se está a gestuar, bastando, para tal, “imitar” as suas atitudes ou traços corporais que o descrevem (Zuchi, 2004).

Destaca-se ainda a utilização frequente de perguntas retóricas por parte dos gestuantes, as quais não devem ser sempre traduzidas à letra, mas adaptadas para uma frase declarativa, pois no português este estilo é usado com o objetivo específico de dar ênfase a determinada ideia (Ex.: “Existem 150.000 surdos em Portugal” pode ser traduzido como PORTUGAL SURDOS QUANTOS? 150 MIL). Na interpretação de uma frase do português para a LGP, o intérprete poderá também utilizar a técnica da introdução da pergunta retórica para traduzir frases na voz passiva (Ex.: “O bolo foi feito pelo João” pode ser traduzido como BOLO FAZER.BOLO QUEM? J-O-A-O-~).

Tal como pode ser observado nos exemplos expostos, a ordem sintática da LGP não segue a do português, pelo que o intérprete deverá ter a preocupação de executar as inversões sintáticas necessárias para que a língua de chegada não sofra interferências da língua de partida, o que poderia causar a construção de frases agramaticais. Para tal, o intérprete deve ter sempre o cuidado de analisar a frase da língua fonte, para determinar qual o “ponto de referência”, ou seja, que elemento da frase é o que deve ser sujeito a um destaque especial de forma que a enunciação na língua alvo seja iniciada com essa menção, servindo como base de relação com os restantes componentes frásicos. Esta técnica é regularmente apelidada de topicalização (Quadros, 2004) e consiste na

introdução de um tópico – que pode ser de qualquer classe gramatical – e que assume a posição de elo entre todas as partes da frase, ditando a ordem sintática que vai apresentar, podendo ser a de OSV, SVO, SOV ou VSO, consoante a classe gramatical do termo enfatizado.

Por último, importa referir que todas as línguas visuais possuem um sistema de transliteração ou seja, de representação de letras do alfabeto, que é usado para nomes civis, referentes ainda sem vocábulo gestual ou outras especificidades, designado alfabeto manual ou datilologia. Deve ser usado em soletração apenas necessária uma vez que, na realidade, não traduz, mas sim, representa em outro formato. Este alfabeto manual não é comum a todas as línguas gestuais.

2.1. Tradução e interpretação de textos museológicos

Com o avanço das novas tecnologias, cada vez mais há a possibilidade de uma pessoa se dirigir a um museu e ser completamente autónoma na sua visita, podendo fazer o percurso ao seu ritmo e com condições que satisfaçam as suas necessidades enquanto ser individual. Já existem vários museus em Portugal que se preocupam com as diversas especificidades do público (Sousa, 2024), pelo que investem na acessibilidade para todos, através da construção ou adaptação do espaço, sem barreiras físicas, com a disponibilidade de as pessoas usarem pequenos aparelhos que substituem a necessidade de se fazerem acompanhar de um guia por um áudio-guia devidamente formatado para a utilização geral. Este instrumento pode ser utilizado por cidadãos cegos, através da adaptação do texto para uma audiodescrição que, além

de relatar questões históricas e/ou científicas, explica a localização, forma e cores dos objetos expostos, é introduzido o braille e são expostas peças para tocar, de forma a perceber com exatidão as formas apresentadas. Para os surdos, a única alteração tem a ver com a sua forma de comunicação, pois basta que o áudio-guia seja substituído por um videoguia e que as explicações do museu estejam em língua gestual e não numa língua oral.

Neste caso específico, no museu municipal da Batalha, e no que se referia às adaptações realizadas para a inclusão dos cidadãos surdos, o aparelho de vídeo era móvel, de pequenas dimensões (mas com um tamanho suficiente para a percepção do que estava a ser explanado em LGP), com a introdução do vídeo em língua gestual, interpretado com base no texto de partida, que era o gravado no áudio-guia para cegos, tendo a equipa de interpretação retirado as informações de descrição visual. A adaptação para LGP teve necessidade de passar por várias fases de preparação:

1. Conhecimento do local por parte dos intérpretes de LGP e visita realizada com o áudio-guia, de forma a estabelecer um primeiro contacto com o local e identificar possíveis dificuldades na tradução, nomeadamente recursos lexicais específicos e/ou terminológicos, tendo em atenção a disposição dos objetos e a relação que viriam a ter com o gestuante do vídeo.
2. Separação dos textos pelos três intérpretes, de forma aleatória e rotativa, sendo que o intérprete responsável pela tradução do texto 1 ficaria também com o 4, 7, 10, 13, 16, 19, 22, 25 e 28.

Dos textos que nos couberam, excluímos o 13 e o 16 neste livro, pois, volvidos mais de dez anos, seria nestes que mais interviríamos no processo de tradução. Assim, não cabia num trabalho reflexivo, sobre um produto finalizado, novas propostas de técnicas e recursos tradutórios. Numa outra altura, a eles voltaremos.

3. A empresa responsável pelo serviço tratou da gravação de um CD áudio para cada um dos intérpretes, apenas com as faixas a serem interpretadas exclusivamente pelo profissional, para que cada um fosse estabelecendo contacto com o ritmo da leitura, bem como com a gestão do tempo disponível para poderem ser feitas adaptações, explicitações e/ou inversões necessárias para uma compreensão clara da LGP.
4. Pesquisa de imagens para ilustrar alguns termos específicos (dado que a LGP é uma língua visual e que o texto de chegada deve estar compreensível para a generalidade das pessoas surdas), seguida de reunião dos intérpretes com formadores e professores de LGP, surdos, de forma a averiguar a existência de gestos para termos concretos e acordar o uso do mesmo gesto para palavras e/ou nomes comuns que surgissem ao longo das interpretações realizadas por todos os profissionais. Após a análise do aparelho de videoguia, chegou-se à conclusão de que, apesar das suas dimensões serem aceitáveis para a percepção da LGP, seria necessário evitar soletrar nomes em datilologia, devendo os mesmos ser substituídos pelo aparecimento de uma legenda na

parte de baixo do vídeo com o nome da pessoa ou local, tal como a indicação de quem está a proferir determinado testemunho ou discurso (se diferente da voz responsável pela visita), mas neste último caso, o nome da pessoa ficaria visível durante todo o texto enunciado por ela, noutra cor, em cima, do lado direito do vídeo.

5. Comparação dos textos de chegada preparados com imagens do museu e estudo da adequação dos textos com a localização dos objetos na exposição.
6. Gravação dos textos de chegada, com a presença da restante equipa (intérpretes e docentes de LGP), de forma a confirmar o resultado.
7. Verificação e validação dos vídeos editados, através de uma visita de um membro da FPAS – Federação Portuguesa das Associações de Surdos ao museu, acompanhado pelo videoguia em LGP (e pelos intérpretes), de forma a perceber a facilidade e coerência do produto em harmonia com a exposição, tendo sido indicadas algumas reformulações que iriam enriquecer o serviço prestado.
8. Realização das alterações propostas pela FPAS e conclusão do trabalho.

Todos estes passos foram de fundamental importância, uma vez que o principal propósito é chegar ao maior público surdo possível, heterogéneo quer quanto à faixa etária e nível de língua. A confirmação por profissionais surdos representantes da comunidade afere que o

trabalho tem qualidade e se adequa ao propósito, isto é, acessibilidade a um contexto museológico.

2.2. Questões prévias: a glosa

Antes da análise da tradução, será necessário planar a necessidade de transcrever o texto de chegada, ou seja, o seu registo em forma de glosa, que consiste na utilização de palavras da língua oral respetiva (neste caso a LP), palavras essas que são escritas em maiúsculas, separadas por um espaço entre si e com algumas especificações complementares, como a intensidade ou repetição da execução do gesto. Este registo, apesar de utilizar palavras correspondentes no português, segue a estrutura sintática da língua gestual, com a ordem de gestos utilizada pelo gestuante.

Este sistema torna-se incompleto aquando da discriminação de componentes não manuais, como o movimento do corpo, o olhar ou a expressão facial utilizados em simultâneo com a execução gestual, pelo que por este motivo as glosas não podem ser consideradas uma forma escrita das línguas gestuais, devido à sua ambiguidade na percepção da forma exata como determinado gesto é executado. Por outro lado, um mesmo gesto pode ter como tradução possível uma série de palavras do português e, por vezes, a identificação imediata do gesto que é referido pode não ser clara, originando ambiguidades. Ainda que possa suscitar algumas dúvidas, este registo escrito é válido na medida em que é possível analisar estruturalmente frases da LGP (ou outra língua gestual), as técnicas de tradução utilizadas e questões relacionadas com

a comparação de duas línguas de modalidades distintas: oral e gestual. Usamo-lo nesse trabalho para uma maior facilidade de leitura da análise que efetuamos, ressalvando que os links da nossa tradução estão acessíveis e podem ser consultados, conforme indicações disponibilizadas no ponto 3.

Apesar da inexistência de regras rigorosas consensuais para a elaboração de glosas, optou-se por seguir a estratégia de escrever palavras referentes à LGP em maiúsculas, seguindo uma lógica de organização para facilitar a percepção e identificar variações e/ou especificações. Algumas considerações que importa conhecer antes da visualização das transcrições efetuadas:

- **Ponto de interrogação no final da palavra**: gesto realizado em simultâneo com a expressão facial e corporal características da interrogativa (sobrancelhas franzidas, ligeiro movimento da cabeça para a frente e elevação de ombros), como é exemplo:

ONDE? – para diferenciar do gesto realizado na sua forma standard e indicar que é o pronome interrogativo.

- **Letras ou números separados por hífen**: palavra ou número composto por mais de um dígito, havendo a necessidade de escrevê-lo no espaço gestual, utilizando, para tal, a datilologia (ou alfabeto gestual), como é exemplo:

M-M – mm (milímetro).

- **Uso de ponto entre duas palavras** : serve para indicar um gesto, mas que pela sua clarificação de significado necessita de duas ou mais palavras do português para transmitir o significado específico, como é exemplo:

NOME.GESTUAL – não poderia ser NOME GESTUAL, pois referir-se-ia a dois gestos distintos da LGP.

- **Uso de hífen entre palavras**: indica que vai ser feita uma pormenorização adicional, que pode referir-se à sua forma específica, localização do gesto, plural ou aspeto verbal, como são exemplos:

APARELHO-FORMA – ‘aparelho’ é um termo polissémico no português e, para ser transmitido em LGP, é necessário especificar a forma de determinado aparelho para ser perceptível. Neste caso, seria um aparelho retangular, onde as pessoas surdas poderiam visualizar o seu vídeo.

BOTÕES-DIST-LOC – também os ‘botões’ poderão ter várias formas, pelo que aqui se optou por identificar que os mesmos estavam distribuídos (DIST) nos seus locais (LOC) específicos, apara que referências futuras a estas localizações fossem mais fáceis de identificar.

NEUZA-NG – NG significa nome gestual, que é o ‘sinal’ que as pessoas surdas utilizam para se referirem a alguém ou algum local sem recorrerem ao uso da datilologia.

HAVER-ASP.DIST – gesto HAVER repetido pelo espaço gestual, indicando que o verbo está no aspecto distribuído.

MONTANHA-PL – reduplicação do gesto, dando a ideia de que é mais de que uma montanha.

AJUDAR-2PRO1 – gesto realizado da segunda para a primeira pessoa, sendo que a primeira pessoa é assumida pelo gestuante e a segunda está localizada no espaço gestual à sua frente ou numa localização específica.

PLACAS.SEPARAR-ASP.PROG – o gesto de placas incorpora o movimento de separação, mas realizado de forma lenta e com pausas entre cada uma das repetições, indicando que o verbo se encontra no aspecto progressivo ou gradual.

CRIAR-ASP.CONT – verbo CRIAR no aspecto contínuo, transmitido através da reduplicação do gesto e com as bochehas cheias.

ANO-DATA – por existir mais do que um gesto para ANO, tem esta especificação que se refere a determinado ano de calendário, por isso tem a denominação de ‘data’.

HISTÓRIA-DISCIPLINA – na LGP, há o gesto que se refere a uma ‘história contada por alguém’ ou a ‘disciplina de História’ e a indicação serve para esclarecer a qual dos dois conceitos se refere.

A análise da tradução está organizada a partir da indicação do número e título do texto, seguida de uma explicação adicional e das transcrições dos textos de partida e de chegada (estando o primeiro em itálico e o segundo a cíngulo), separadas por frases numeradas e comentadas em relação à interpretação realizada, justificando algumas decisões e/ou recursos de tradução que se considerem pertinentes. Sempre que houver necessidade de fazer uma referência exata a uma parte da glosa, **esta apresentará uma cor de destaque no excerto, para facilitar a sua identificação/localização na frase**. Não comentaremos todas as frases, mas destacaremos aquelas que nos parecem ilustrativas de recursos linguísticos e decisões de tradução que tivemos de tomar.

3. REFLEXÃO SOBRE A TRADUÇÃO E RECURSOS UTILIZADOS

1. Texto “00 – FUNCIONAMENTO VIDEOGUIA”

[Link da tradução – vídeo 00](#)

Apesar do texto de partida 01 começar com as boas-vindas do Presidente da Câmara e continuar com a explicação do funcionamento do áudio-guia, optou-se por inverter a ordem de aparecimento em vídeo, surgindo primeiramente uma explicação do funcionamento do videoguia, indicado com o número “00”, para não criar confusões na ordenação e numeração previamente estabelecida pela equipa do museu. Esta decisão de alteração da posição prendeu-se com questões de ordem técnica, nomeadamente pelo facto de áudio-guia funcionar através de sensores colocados ao longo do museu (logo, não haveria a possibilidade de causar equívocos na seleção da faixa a ouvir), enquanto o videoguia teria de ser manuseado pela pessoa, autonomamente, pois poderia ter de repetir a explicação, parar e retomar segundo a sua vontade. Deste modo, a pessoa surda poderia compreender o funcionamento do instrumento vídeo que iria utilizar e, logo de seguida, poderia seguir a ordem estabelecida de origem.

APRESENTAÇÃO:

Explicação realizada de forma completamente autónoma, sem qualquer tipo de ligação ao texto de partida, dado que o supra-apresentado se refere ao uso do áudio-guia, não fazendo sentido

traduzi-lo para LGP, tendo sido construído, de origem, um texto novo para que os utilizadores do aparelho pudessem compreender o seu funcionamento. Por não ser uma tradução, mas sim uma explicação, a sua numeração não segue a ordem estabelecida pelo museu.

Para este texto em LGP, optou-se por partir do princípio de que este viria de um texto em português da responsabilidade do tradutor.

1. *Este museu possui interpretação para língua gestual, mas é possível que cause alguma confusão aquando de um primeiro contacto com este aparelho.*

MUSEU MESMO TER GESTUAL POSSÍVEL
CONFUSÃO 1^a VEZ

Por ser uma língua visual, a explicação em LGP parece ser muito sucinta em relação à proposta de texto em português, mas houve o cuidado da mensagem não se tornar muito extensa e repetitiva, ou poderia haver o risco de as pessoas surdas desistirem da utilização do videoguia.

2. *Vamos conhecer algumas indicações em relação ao funcionamento do videoguia.*

MAS APARELHO-FORMA COMO? VER COMO?

A LGP é sintética e, culturalmente, as pessoas surdas preferem a objetividade à formalidade, por isso, a frase representa as informações precisas e diretas, sem introduções modalizantes de cortesia ou outras.

3. A interpretação será realizada por três intérpretes: Neuza Santana, Joana Sousa e Renato Coelho.

INTÉPRETES VÁRIOS 3 EU NOME.GESTUAL
NEUZA-NG MULHER OUTRA JOANA-NG HOMEM
RENATO-NG

Neste excerto, denota-se a necessidade de explicitação de forma que a LGP seja percetível, nomeadamente em relação ao género dos intérpretes, pois a execução dos nomes gestuais, por si só, não indica se é um intérprete do sexo feminino ou masculino, uma vez que a LGP não possui marcação gramatical de género, mas sim natural (Correia, 2016).

4. A interpretação vai ser feita pela equipa, rotativamente, **presente na lista numerada no menu,**

NÓS.3 VA-VÁ ROTATIVO INTERPRETAR
ESPECIFICIDADES NÚMEROS LISTA

Sendo que a gestuante já se apresentou como um dos membros da equipa de interpretação, houve a necessidade de especificar que os intérpretes seriam '**NÓS.3**'. Na glosa, usamos o mecanismo de marcação do futuro próximo, transcrito como **VÁ.VÁ**, equivalente à construção perifrásica **ir+ verbo principal** do português, que se enquadra neste contexto (Custódio, Correia & Silva, 2021).

5. *Pelo que deverá visualizar na parede o símbolo de uns auscultadores que corresponderá à explicação em língua gestual com a mesma numeração.*

O.QUE.FAZER? AGORA COMO? VER PAREDE
NÚMERO TAMBÉM AUSCULTADORES DESENHO
IMAGEM-LOC LÁ VER JÁ. SABER MEU GESTUAL
QUAL?

A amarelo estão representadas as perguntas retóricas na LGP, as quais servem como conectores frásicos. A verde, utilização do *role-shift*, para uma mais fácil identificação da explicação em língua gestual. Ou seja, o tradutor, assume o papel de sujeito quer da frase, quer do beneficiário da tradução. Usamos LOC indicando para o referente extralingüístico, ou seja, utilizamos o mecanismo e apontação referencial comum nas línguas visuais pois o espaço tridimensional permite que a frase se expanda do espaço linguístico com recurso ao espaço topográfico.

6. *No entanto, há que ter em atenção o facto de este ecrã não ser táctil,*
LISTA ESCOLHER MAS CUIDADO PORQUÊ? TÁCTIL
NÃO

7. *Tendo, na parte superior, 3 botões de cada lado,*

TER BOTÕES-DIST-LOC 3.DE.CADA.LADO CIMA-
LOC1 AQUI.3 CIMA-LOC2

Nesta parte, a maior preocupação foi a de situar os botões nos locais exatos do videoguia, usando-se, como no último comentário acima, o espaço topográfico como âncora de coesão frásica.

8. *Sendo que, ao pressionar o terceiro botão do lado direito, vai abrir o vídeo selecionado da lista*

AQUI.3 APONTA-ESTE PREMIR IGUAL ABRIR.VÍDEO
CULPA ANTES VER LISTA NÚMERO

A nossa tradução ilustra, mais uma vez o facto de partirmos de uma língua analítica, ou seja, com recurso a muitas palavras funcionais, conectores, tempos compostos, para chegarmos a um idioma sintético, mas que se serve de referentes extralingüísticos para representar os conceitos.

9. *E dar-se-á início à reprodução automática do vídeo.*

LÁ-LOC PREMIR.BOTÃO ABRIR.VÍDEO GESTUAL
COMEÇAR SER.MESMO.ASSIM

Optámos por não traduzir literalmente a palavra “automático”, considerando que existe um vocábulo gestual, mas usámos uma expressão mais ampla e mais acessível a um público maior. Além disso, o gesto é automático relaciona-

se com digital, no seu significante, o que aqui não se aplica ou poderia ser confuso.

10. Caso não tenha selecionado o vídeo correspondente,

MAS SE DE.REPENTE AFLITO NÃO.SER

Neste caso, foi feita uma ampliação, tendo introduzido o adjetivo ‘aflito’, que também pode abranger o significado de ‘aperceber-se de algo que não era o pretendido’, seguido do reforço da ideia, com destaque verde. Procurou-se também um discurso gestual mais fluido e não literal, para que a mensagem pudesse ser entendida de forma clara.

11. Deverá pressionar o segundo botão do lado esquerdo, o que vai fechar o vídeo e voltar à lista de reprodução.

O.QUE.FAZER? COMO? ESTES.3 APONTA.MEIO
PREMIR.BOTÃO 1 IGUAL FECHAR.VÍDEO LISTA
OUTRA.VEZ

12. Para selecionar os vídeos anteriores ou posteriores, basta premir um dos botões do lado direito: o primeiro para andar para baixo e o segundo para cima.

COMO? CIMA BAIXO COMO? ESTES.3
APONTA.1.E.MEIO APONTA.MEIO CIMA APONTA.1
BAIXO ANDAR.PARA.BAIXO ANDAR.PARA.CIMA

13. Desta forma, conseguirá facilmente escolher o vídeo que pretende visualizar e reproduzi-lo através dos botões de seleção.

FÁCIL PREMIR ESCOLHER.VÍDEO ABRIR.VÍDEO
DEPOIS ESTES.3 TER VER QUANDO ABRIR.VÍDEO

14. Do lado esquerdo do ecrã poderá ver os símbolos correspondentes aos botões de parar e retomar o vídeo,

LÁ PRETO SÍMBOLOS-DIST ESSES.3
VÍDEO.CONTINUAR PARAR UM.OU.OUTRO

15. Sendo que, **caso queira** parar o vídeo para ver a exposição deve premir o primeiro botão,

SE QUERER VER OUTRO PREMIR.BOTÃO UMA.VEZ
VER.EXPOSIÇÃO À.VONTADE

Neste caso, foi feita uma ampliação, tendo sido introduzida a expressão ‘estar à vontade para fazer algo’, como reforço da ideia de “caso queira” e apesar de no início da frase ter indicado em LGP “SE QUERER”, pois, por vezes, é necessário voltar a repetir a ideia inicial da frase, por haver o risco de não ser retida pelos receptores, sendo uma técnica de tradução utilizada frequentemente pelos intérpretes de LGP.

16. Ao voltar a premir esse botão, retoma o vídeo da explicação em LGP.

OUTRA.VEZ QUERER DESEJAR EXPLICAÇÃO O.QUÊ?
GESTUAL PRÓPRIA PREMIR.BOTÃO
CONTINUAR.VÍDEO OUTRA.VEZ

17. *Botão central pode ser utilizado para andar para trás, mas apenas se premir prolongadamente, pois, caso contrário, irá abandonar o vídeo e voltar à lista de reprodução, tal como indicado anteriormente.*

APONTA.MEIO PREMIR PROLONGADAMENTE
FICAR.A.PREMIR PORQUE PRETO PREMIR.BOTÃO
UMA.VEZ LEMBRAR DESLIGAR.VÍDEO NÃO
PREMIR.PROLONGADAMENTE ANDAR.PARA.TRÁS
RECUAR FALHAR NÃO.VER AFLITO PREMIR.BOTÃO
PARA.TRÁS

18. *Ao premir longamente o terceiro botão, poderá avançar o vídeo.*
APONTA.3PREMIR.PROLONGADAMENTE AVANÇAR

19. *Esperamos que tenha uma ótima visita!*

ESPERANÇA VISITA TUDO.BEM

COMENTÁRIOS:

Neste primeiro texto, o desafio esteve relacionado com o estudo do videoguia e das hipóteses para o tornar percepível visualmente, sem negligenciar as informações necessárias para que os utilizadores do instrumento pudessem manuseá-lo sem dificuldades.

Na criação deste enunciado houve o cuidado de localizar adequadamente os botões de seleção do aparelho e fazer uma descrição pormenorizada relativa ao seu funcionamento, sobretudo através de gestos referenciais, ou seja, recorrendo ao espaço extralingüístico, e da incorporação das ações por parte da intérprete, o que permitiu aos receptores da mensagem perceber com exatidão as instruções gestuadas.

2. Texto “01 – INTRODUÇÃO”

[Link da tradução – vídeo 01](#)

APRESENTAÇÃO:

Texto proferido pelo presidente da Câmara, argumentativo, e dirigido aos visitantes do museu, com o intuito de lhes desejar uma boa visita, mas também de enaltecer as características inclusivas do espaço e do envolvimento da população autóctone na cedência de objetos para a exposição.

1. *Ao iniciar a sua visita ao MCCB, uma mensagem do Presidente da Câmara da Batalha:*

VISITA SEU COMEÇAR NÃO ANTES PRESIDENTE
CÂMARA DISCURSAR

Entendemos topicalizar, colocando a visita, objetivo do videoguia, em primeiro lugar, seguida do comentário, o discurso do Presidente da Câmara.

2. *Bem-vindos ao Museu da Comunidade Concelhia da Batalha.*

Neste caso, optou-se pelo gesto CÂMARA em substituição do referente a CONCELHO, pelo facto deste último se confundir com REGIÃO, DISTRITO ou outra localização num mapa, uma vez que são gestos homónimos. Após uma cuidada análise e discussão, percebeu-se que poderia ser feita uma adaptação, na medida em que a Câmara Municipal da Batalha é a instituição que representa o concelho.

3. *É com **imenso** prazer que vos acolhemos neste espaço de cultura, MUITO.SATISFEITO GOSTAR **MUITO.BOM** ONDE CULTURA RECEBER*

Na LGP, há diversas formas de se indicar ‘muito’, não só através de signos gestuais, mas também usando exclusivamente a expressão facial e a expressão não-manual. Porém, optámos por usar o gesto de MUITO.BOM para dar a ideia de satisfação do presidente e exaltar a qualidade do espaço.

Usamos, como acima, a incorporação do sujeito, enfatizando, através do reforço com o recurso a expressões que denotam emoções positivas, o facto de estar feliz com este espaço cultural, assim a intérprete demonstrou que o Presidente da Câmara estava MUITO.SATISFEITO e

reforçou a ideia, indicando que, além disso, GOSTA MUITO.

4. *Onde pretendemos retratar a história do nosso Concelho,*
OBJETIVO TENTAR HISTÓRIA CÂMARA MEU
CONTAR EXATAMENTE IGUAL

Uso de paráfrase para traduzir o conceito de ‘retratar’.

5. *Possibilitando a todos os nossos visitantes que percebam exatamente o que é que fomos,*
DAR PESSOAS TODAS PERCEBER CLARO
ANTES/PASSADO O.QUÊ?

Indicação temporal seguida de pergunta retórica, com a particularidade do verbo ‘ser’ amalgamado no pronome interrogativo situado no final da frase, como ocorre em alguns verbos copulativos, como ser e estar, que não têm materialização concreta na LGP, na maioria dos contextos.

6. *Compreendam aquilo que somos*
COMPREENDER AGORA COMO?

7. *E fiquem com a percepção daquilo que queremos ser.*
TAMBÉM REPARAR COMO? FUTURO DESEJAR
O.QUÊ?

Indicação temporal seguida do verbo DESEJAR e frase finalizada com o pronome interrogativo, assinalando, uma vez mais, o uso da pergunta retórica. Na LGP existem dois gestos distintos para ‘querer’: QUERER e DESEJAR (ou ‘querer muito algo’), tendo-se optado pelo segundo, pois o que se ‘quer para o futuro’ tem por base os anseios e desejos das pessoas.

8. *Um outro aspeto que é importante referir tem a ver com a participação dos cidadãos neste projeto.*

ACRESCENTAR 1 SENTIR IMPORTANTE DESTACAR O.QUÊ? LIGAR PESSOAS À.VOLTA PARTICIPAR DE.FACTO/FOI

Introdução do marcador DE.FACTO/FOI para indicar a ‘participação (efetiva) dos cidadãos’.

9. *Temos peças de elevado valor;*

EU COISAS OBJETO VALOR MUITO

O texto de partida apresenta-se na primeira pessoa do plural, dado ser o discurso do Presidente da Câmara enquanto representante da comunidade concelhia, tendo-se optado pelo uso da primeira pessoa do singular, de forma a indicar quem estava a proferir as palavras, recorrendo, como antes à incorporação.

10. Estavam na posse de cidadãos anónimos que percebendo a filosofia do projeto, se disponibilizaram para os cederem,

QUEM? SEU-LOC1? NÃO SEU-LOC2 PESSOAS
APERCEBER-SE OBJETIVO PROJETO O.QUE.SER?
APERCEBER-SE DAR-LOC1 EMPRESTAR

Uso de pronomes possessivos e do espaço de execução gestual para traduzir “cidadãos anónimos”, uma maneira mais natural e percepível para demonstrar que os objetos ‘não são do museu’, mas das pessoas que os cederam.

11. De forma a que pudessem, assim, ser disponibilizados e passassem a ser visíveis por todos.

ENTÃO POSSÍVEL PESSOAS QUALQUER VISITAR HAVER-ASP.DIST

As palavras destacadas foram omitidas, pela modalidade visual da LGP, que as dispensa, e por não haver a necessidade de repetir informação que já foi transmitida no excerto anterior.

12. Uma das notas que gostaria de referir tem a ver com o facto de não existirem barreiras,

1 GOSTAR DIZER DESTACAR LIGADO AQUI ESPAÇO BARREIRA NÃO.HAVER ABRIR CERTO

Após se indicar BARREIRAS NÃO.HAVER, houve a preocupação de se reforçar a ideia com ABRIR, pois o

conceito de ‘derrubar barreiras’ é fator de identificação com as preocupações das pessoas surdas.

13. *Ser um espaço que permite a acessibilidade a todos.*

PESSOA QUALQUER CONDIÇÕES.ACESSO CERTO

14. *Nós temos preocupações com acessibilidades há vários anos, não são de agora,*

EU CÂMARA BATALHA PREOCUPADO ACESSO PASSADO DE.FACTO/FOI

Omissão das palavras selecionadas, por ser um reforço da ideia anterior, tendo-se considerado que, para a compreensão da LGP, não haveria necessidade de ser repetida, ainda que tenha sido usado o gesto DE.FACTO/FOI para reforçar a ideia de passado, por ser um marcador temporal da língua gestual.

15. *E este equipamento vem dar resposta efetiva a essas preocupações*
ENTÃO HAVER-ASP.DIST MUSEU HAVER-ASP.DIST POSSÍVEL PREOCUPAÇÃO RESPOSTA ABRIR CERTO

16. *No sentido de estar dotado de condições para que seja acessível a qualquer cidadão.*

CONDIÇÕES.FAVORÁVEIS PESSOAS QUALQUER ACEDER CERTO

17. *Desejamos que a visita seja muito agradável,*
ENTÃO ESPERANÇA VISITA SEU SATISFEITO
GOSTAR MUITO

18. *Neste espaço concebido para todos que,*
ONDE OBJETIVO PESSOAS QUALQUER

19. *Esperamos seja usufruído por todos,*
ESPERANÇA PESSOAS TODAS APROVEITAR

20. *De forma a que todos se sintam muito bem nele e no Concelho da Batalha.*

DAR HAVER-ASP.DIST SENTIR BEM AQUI TAMBÉM
CÂMARA BATALHA SENTIR BEM OS.2

Reforço da ideia de se sentir bem nos dois espaços referidos, através da repetição de SENTIR BEM e finalizar com OS.2, para aludir novamente aos dois locais.

COMENTÁRIOS:

A partir deste texto, o objetivo principal foi o de seguir as modulações de voz e de ritmo do Presidente da Câmara, através do uso da expressão facial e da expressão corporal e de motivar os visitantes surdos, pela autenticidade dos objetos expostos e a tentativa de “recriar” a História do concelho.

Foi decidido localizar dois espaços referenciais: um correspondente ao interior do museu e outro fora, de forma a demonstrar que os objetos cedidos ao museu não eram propriedade sua. Dado que a localização dos cidadãos que entregaram os objetos presentes na exposição era próxima da do museu, sempre que o Presidente da Câmara se referia ao concelho, foi usado o gesto ÁREA, realizado de forma mais ampla do que os gestos para os espaços específicos estabelecidos anteriormente, de modo a abranger ambos os locais. Uma outra particularidade do uso do espaço gestual foi o cuidado de localizar de forma distributiva os verbos referentes à exposição do museu.

Do ponto de vista da organização do vídeoguia, aquando da alteração da voz da locutora para o discurso do Presidente da Câmara, optou-se por indicar essa transição através do uso de uma legenda, a azul, no canto superior direito, para que os cidadãos surdos pudessem ter noção de que o texto estava dividido em duas partes e proferido por duas pessoas diferentes. A escolha da legenda em detrimento da explicação gestual desta questão, baseou-se na preferência de que o vídeo gestual não se tornasse demasiado longo ou com uma duração superior ao áudio original.

O maior desafio foi o de manter os jogos de palavras característicos dos discursos políticos, de modo que o registo e forma do texto de partida fosse mantido, mas que fizesse sentido em LGP, ultrapassado pelo uso da expressão facial e corporal, bem como da determinação na execução dos gestos.

3.Texto “04 – ORIGENS”

[Link da tradução – vídeo 04](#)

APRESENTAÇÃO:

Esta é a primeira parte da exposição propriamente dita, para que os visitantes possam ter conhecimento de como tudo surgiu e que se possam ir aproximando do aspetto atual do concelho, passando por diversas fases da História. Este texto tem como base uma barra do tempo localizada numa parede e um meteorito exposto à sua frente.

1. *As origens*

PRINCÍPIO COMO?

2. *Começamos a nossa viagem tomando consciência – através da barra do tempo que percorre esta parede – ,*

VISITA COMEÇAR COMO? PAREDE ATRÁS VER-LOC
FICAR.A.CONHECER TER.CONSCIÊNCIA

A amarelo está assinalado o gesto que serve de localização exata à parede e a verde a substituição da indicação de que é uma ‘barra do tempo’, pelo gesto VER-LOC, ou seja, executando o signo gestual com a direccionalidade adaptada à linha temporal exposta.

3. *De quão recente é a nossa história quando vista à escala da do universo.*

HISTÓRIA MEU PARECER RECENTE SE COMPARAR MUNDO/UNIVERSO PASSADO.LONGÍNQUO DE.FACTO/FOI

'Vista à escala' foi traduzido por COMPARAR com o Universo, que tem muitos milhões de anos, tal como apresentado na barra temporal que está exposta na parede e aproveitando para transmitir a ideia de lapso temporal entre nós e a História do Universo.

4. *Aquilo que se conta neste Museu concentra-se apenas entre os dois últimos marcos desta barra do tempo.*

AQUI MUSEU HISTÓRIA LÁ CONTAR LIGADO O.QUÊ? LINHAS-LOC SÓ ESTAS2-LOC ÚLTIMAS ESTAS2-LOC SER.ISSO.MESMO

5. *Na escala, as finas linhas brancas que separam cada acontecimento medem 1,17 mm e representam 4 milhões de anos, BRANCO LINHAS-DIST CADA1 MEDIR 1 VÍRGULA 17 M-M IGUAL MILHÕES ANOS QUANTOS? 4*

6. *Mais ou menos o tempo que nos separa dos nossos primeiros antepassados.*

MAIS.OU.MENOS IGUAL MACACOS 1^aVEZ ATÉ PESSOAS AGORA DESDE.ATÉ 4 MILHÕES ANOS MESMO SER.ISSO.MESMO

A noção de tempo é muito ambígua e, na LGP, é necessário especificar-se, pois o gesto para TEMPO é realizado no pulso, dando a ideia de 'horas'. Sendo um período superior ou inferior a este, é importante ser-se objetivo e exato quanto à noção temporal, por isso introduzimos a informação do número de milhões de anos. Apesar de, a verde, aparecer o gesto MACACOS, este não tem a conotação negativa que teria no português, mas tem a ver com a imagem mental e visual correspondente à figura dos 'primeiros antepassados'.

7. *Universo, galáxias, ... mundos exteriores ao nosso planeta...*

UNIVERSO ESTRELAS SISTEMAS OUTROS TERRA
PLANETA SOZINHO NÃO.ESTAR FORA-LOC
HAVER.MAIS-ASP.DIST

Ampliação da ideia original, para mostrar que o planeta Terra não está sozinho e que existem mais planetas além dele.

8. *Aqui se fazem representar por um meteorito ...*

PROVA PEDRA-FORMA.LOC

Na LGP existe um gesto para REPRESENTAR, mas que se adequa melhor a um 'representante [+ humano]' e, neste caso, considerou-se que 'a prova seria a existência daquele meteorito'.

9. *Uma lembrança do muito que está para além da terra.*

LEMBRAR TERRA PLANETA SOZINHO NÃO MAIS
TER

COMENTÁRIOS:

Para a realização deste vídeo, foi importante perceber a posição dos visitantes aquando da visualização desta parte da exposição, bem como ter o cuidado de a explicação em LGP ser diretamente correspondente ao que estariam a visualizar, ou seja, foi necessário recorrer ao espaço de produção da língua, utilizar mecanismos de apontação para referenciais extralingüísticos e modular a direccionalidade dos verbos em conformidade com a disposição do objeto do museu.

Em vez de utilizar gestos muito técnicos, não consensuais e pouco conhecidos da maioria dos visitantes surdos, houve o cuidado de os substituir por classificadores, paráfrases ou outros de uso frequente, para que pudessem ser facilmente identificados por um público amplo.

4. Texto “07 – ENTRE O MAR E A TERRA”

[Link da tradução – vídeo 07](#)

APRESENTAÇÃO:

Texto informativo, com incidência em questões geológicas e geográficas, com o objetivo de demonstrar que os continentes europeu

e americano já estiveram unidos e se distanciaram com a evolução dos tempos.

1. *Entre o Mar e a Terra*

MAR ZONA-LOC1 TERRA ZONA-LOC2

2. *Em contraste com as Serras, a oeste do Planalto de São Mamede encontramos uma zona de relevos suaves*

MONTANHA-PL OESTE PARA.O.LADO-LOC PERTO
PLANALTO NOME ESTE ZONA MESMA
PEQUENO.RELEVO

Com o intuito de facilitar a percepção visual do nome 'Planalto de São Mamede', optou-se por não se usar a datilologia, mas a indicação do local onde iria surgir a legenda escrita, evitando ruído visual.

3. *Onde as linhas de água escavaram vales encaixados.*

RIO FAZER VALE-FORMA CERTO

4. *Mais importante é o Vale do Lena,*

IMPORTANTE 1º NOME ESTE

Uso da técnica de indicação do local onde apareceria a legenda com o nome a visualizar pelos motivos acima apontados e, também, por uma questão de estratégias tradutórias coerentes.

5. *Onde as rochas, sobretudo argilosas, margosas e arenosas, são facilmente destruídas pela erosão.*

PEDRA APONTA-1 APONTA-2 APONTA-3 APONTA-1
BARRO APONTA-2 AREIA APONTA-3 FORMA-
BURACOS FÁCIL POR.CAUSA ÁGUA PASSAR
DESFAZER-LOC CONDIÇÕES.FAVORÁVEIS CERTO

Enumeração dos tipos de rochas, indicando primeiro que são três e depois especificando cada uma delas, através de gestos icónicos representativos das suas formas visuais.

6. *Neste espaço da vitrina estamos já no Jurássico Superior*
VIDRO ATRÁS-LOC LÁ SUPERIOR JÁ

Omissão de 'Jurássico', por estar indicado na vitrine que estaria a ser visualizada pelo visitante e, tendo sido feita uma alusão à sua localização no espaço físico da exposição, não houve necessidade de repetição.

7. *E em ambientes marinhos litorais ou mesmo já terrestres,*
POR.CAUSA MAR ZONA-LOC1 OU TERRA-LOC2 SEU-
LOC2 **QUAL.DOS.DOIS?**

Após a localização do mar a Oeste e a terra a Este, além de usar a conjunção alternativa OU para ligar os dois ambientes, houve a necessidade de introduzir a pergunta

retórica, para transmitir a dúvida se seria pertencente a ‘marinhos’ ou ‘terrestres’.

8. *Evidenciados pelos abundantes fósseis de moluscos de água doce, crocodilos, peixes, tartarugas e dinossaúrios.*

POR.CAUSA FÓSSEIS APONTA-1 APONTA-2 APONTA-3 VÁRIOS APONTA-1 MOLUSCO ÁGUA RIO SEU APONTA-2 CROCODILO APONTA-3 PEIXE APONTA-4 TARTARUGA TAMBÉM DINOSSÁURIO TAMBÉM

Para o termo ‘fósseis’, optou-se pela paráfrase, recorrendo ao uso de estrutura classificadora, utilizando o signo gestual PEDRA e o classificador de forma representativo do fóssil incrustado na rocha. No que concerne à enumeração (a verde), apesar de iniciar com a indicação de que serão vários os fósseis apresentados, sendo um número superior a quatro, houve a indicação específica até esta ordem e DINOSSÁURIO foi antecedido e seguido por TAMBÉM, que é uma outra forma de ser feita a enumeração em LGP. A repetição desta conjunção no final da frase foi no âmbito do uso da técnica do reforço.

9. *Na Batalha foram encontrados os mais completos fósseis de dinossaúrios que pertencem a um STEGOSSAURUS.*

BATALHA DESCOBRIR OSSO DINOSAURIO SEU
DESCONHECIDO/ESTRANHO **PORQUÊ?**
STEGOSSAURUS-FORMA

Necessidade de introduzir o adjetivo DESCONHECIDO/ESTRANHO, para indicar a admiração transmitida pela voz da locução e seguido de pergunta retórica, para ser feita uma explicitação ou dar ênfase ao dinossaúrio.

10. *A sua presença na região, até agora apenas conhecida na América do Norte,*

ENTÃO ANTES DE.FACTO/FOI TERRA ZONA
CONHECER SÓ.SE ESTADOS.UNIDOS.AMÉRICA
PARA.LÁ HAVER-LOC

11. *Veio reforçar a hipótese da existência de uma antiga ligação entre os dois continentes, que estariam então mais próximos.*

ENTÃO AGORA ESTADOS.UNIDOS.AMÉRICA-LOC1
EUROPA-LOC2 PASSADO DE.FACTO/FOI PLACAS.JUNTAS
DE.FACTO/FOI MAIS.TARDE PLACAS.SEPARAR-ASP.PROG
DE.FACTO/FOI

Esta frase foi reformulada e ampliada, para transmitir de forma mais clara a ideia de que no passado os dois continentes estariam juntos, mas que posteriormente se afastaram.

COMENTÁRIOS:

Tal como na tradução do texto anterior, foi igualmente importante perceber a posição dos visitantes aquando da observação desta parte da exposição, bem como ter o cuidado de a tradução em LGP ser diretamente correspondente ao que estariam a visualizar.

Além de ter em consideração a localização física dos objetos, a localização geográfica relativamente aos pontos cardinais, também foi tida em conta, para que questões tão específicas relacionadas com o posicionamento dos continentes, fossem transmitidas de forma clara e objetiva.

Neste texto, foi importante conhecer bem os tipos de terrenos e os dinossauros, para uma vez mais, fazer paráfrases e utilizar recursos icónicos e/ou de motivação icónica tendo por base a forma visual, para facilitar a percepção dos receptores da mensagem.

5. Texto “10 – A CADEIA HUMANA”

[Link da tradução – vídeo 10](#)

APRESENTAÇÃO:

Apresentação da evolução da cadeia humana com referência a várias espécies de primatas, centrando-se, por fim, na descrição de uma réplica da figura do *Homo Erectus*.

Texto expositivo no que concerne à descrição pormenorizada, ora dos crânios, ora das características das espécies antecedentes à figura humana como hoje é conhecida, bem como das técnicas que foram

sendo utilizadas ao longo dos tempos e que provocou a continuidade e a evolução da espécie. As peças poderiam ser tocadas pelos visitantes.

1. *A Cadeia Humana – peças para tocar*

PESSOAS LÓGICA DESENVOLVER COMO? COISAS TOCAR À.VONTADE

Uso da paráfrase para indicar a ideia de ‘Cadeia Humana’, seguida de pergunta retórica.

2. *A capacidade de utilizar os elementos da natureza em seu redor para facilitar as suas tarefas,*

COISAS NATUREZA À.VOLTA APROVEITAR CONQUISTAR/CONSEGUIR TRABALHO MEU CONDIÇÕES.FAVORÁVEIS AJUDAR-2PRO1 COMO?

Dado que a intérprete é um ser humano, o uso do role-shift surge como técnica facilitadora para uma identificação mais direta da mensagem, sendo o corpo do gestuante uma referência direta à realidade que se quer transmitir.

3. *Marcou o início da diferenciação do ser humano com os restantes animais.*

POR.CAUSA PESSOA-LOC1 DESTACAR ANIMAIS OUTROS-LOC2 INFERIOR DE.FACTO/FOI

Comparação de duas realidades através da localização em dois locais distintos do espaço gestual, de forma a poder

estabelecer ligações de comparação entre o ‘ser humano’ e os ‘restantes animais’.

4. *Mas, desde as primeiras experiências foi preciso um longo percurso,*

MAS EXPERIMENTAR 1^aVEZ MILHÓES ANOS 4 PASSADO DE.FACTO/FOI PRECISAR CAMINHO DIFÍCIL

5. *Marcado por avanços e recuos, para que chegasse o tempo da conquista do meio que o rodeava.*

CONTINUAR TAMBÉM FALHA RECUAR
DE.REPENTE FINALMENTE CONQUISTAR
APROVEITAR 100% DE.FACTO/FOI

A concretização da ‘conquista do meio’ foi transmitida através da indicação de que finalmente foi conseguida e, devido ao facto de anteriormente já ter sido destacada a capacidade humana de utilizar os elementos da natureza, para não haver uma repetição desnecessária, considerou-se que ao gestuar APROVEITAR 100% DE.FACTO/FOI, a noção do que tinha sido conquistado estava implícito neste excerto, uma vez que a junção destes vocábulos transmite a ideia de concretização de algo.

6. *Debaixo de campânulas de vidro, encontram-se aqui 3 réplicas de crânios de 3 fases distintas.*

VIDRO CAIXA/FORMA-DIST 3 MODELO CABEÇA
OSSO NÍVEIS 3

7. *Na parte da frente das bases, à altura das pernas, estão desenhos recortados do perfil de cada crânio:*

ESTES3 À.FRENTE PARA.BAIXO CERTO
PERFIL.RECORTADO DESTACAR CADA1

Referência exata ao local onde estariam os desenhos recortados de cada um dos perfis, sem haver a necessidade de fazer uma explicação detalhada.

8. *Australopithecus afarensis, que viveu entre 4 e 3,2 milhões de anos, era já um pré-homínido bípede.*

ESTE VIVER MILHÕES ANOS ATRÁS 4 ATÉ 3,2 IGUAL
QUASE PRÉ ANDAR.PERNAS

Devido ao facto de as campânulas estarem todas identificadas com o nome da espécie, correspondente, optou-se por não ser feita uma menção, mas apontar para o local onde a peça estava exposta.

9. *Vivia organizado em bandos e tinha uma alimentação omnívora.*

VIVER GRUPO RELACIONAR-SE DE.FACTO/FOI
COMER TUDO/VÁRIOS

10. Formato do crânio revela mandíbulas fortes e uma capacidade crâniana reduzida, teria uma capacidade de mais ou menos 400cm^3 .

CABEÇA FORMA NOTAR QUEIXO.SAÍDO
MANDÍBULAS.SAÍDAS MASTIGAR CAPACIDADE
PEQUENA/FORMA MAIS.OU.MENOS C-C 400

11. *Homo erectus* apareceu em África há 1,5 milhões de anos.
ESTE MEIO AQUI IGUAL ÁFRICA CRIAR 1,5 MILÕES
ANOS PASSADO

12. Tinha já uma postura mais vertical
DE.FACTO/FOI JÁ POSTURA.VERTICAL

13. E a sua caixa craniana aumentara para 900cm^3 aproximadamente.
JÁ CAPACIDADE MAIOR.FORMA C-C 900
MAIS.OU.MENOS

14. *Homo neanderthalensis*, que habitou a terra num período que vai entre os 200 mil e os 45 mil anos,
ESTE ÚLTIMO AQUI TERRA GLOBO VIVER PASSADO
200 MIL ATÉ 45 MIL ANOS PASSADO

Apesar da apontação, houve a necessidade de reforçar a ideia, indicando que era o último, naquela localização específica, para não dar lugar a ambiguidades de percepção.

15. *Tinha uma estrutura corporal robusta e estatura baixa,*
DE.FACTO/FOI POSTURA.FORTE MAS BAIXO

16. *Mas uma grande capacidade craniana de 1400cm³.*
MAS CAPACIDADE AUMENTAR.MUITO.FORMA C-C
1.400 JÁ SUFICIENTE MUITO DE.FACTO/FOI

Comparação relativa aos dois crânios apresentados anteriormente, pelo que a amarelo, o gesto indica que houve um aumento e, a verde, uma ampliação da mensagem, já que os números poderão não ser referentes diretos ao tamanho real, sendo mais visível a indicação de que já era bastante maior e mais próxima da capacidade craniana do Homem moderno.

17. *Ocupou uma vasta região da Europa, incluindo Portugal e esta zona.*

EUROPA ZONA-LOC1 VIVER ZONA-LOC1 DIRIGIR-
PL PORTUGAL FORMA ZONA-LOC2 BATALHA
TERRITÓRIO SEU

Para uma maior especificação da “zona”, há a necessidade de se começar por uma área mais abrangente e ir-se estreitando até à limitação específica da zona da Batalha.

18. *Coexistiu com o homem moderno até a sua brusca extinção.*

VIVER PESSOA MODERNA AGORA ACOMPANHAR/
SIMULTÂNEO APONTA-ESTE DE REPENTE EXTINGUIR-
SE MODERNO CONTINUAR-FORMA-LOC

Após a comparação da coexistência das duas espécies, apesar de se indicar que houve uma extinção brusca do Homo Neanderthalensis, surgiu a necessidade de se reforçar a ideia de que o Homem moderno ainda existe.

19. *Ao seu lado, o Homo Erectus olha-nos com ar ameaçador,*
VER PARA LÁ ELE MEIO ESTE EXATAMENTE. IGUAL
ESTÁTUA CARA OLHAR FRONTAL

Indicação exata da localização da réplica na exposição do museu e uso de classificadores e linguagem corporal.

20. *Segurando uma pedra lascada na mão direita.*

PEDRA LASCADA-FORMA SEGURAR-FORMA
CERTO

Introdução do gesto CERTO para indicar que o Homo Erectus está mesmo a segurar uma pedra lascada, na réplica exposta.

21. *Esta reconstituição, em tamanho real, dá-nos a conhecer a estatura e o porte deste nosso antepassado.*

MODELO VERDADE SUPERIOR EXATAMENTE.IGUAL
REPARAR VER PASSADO CARA POSTURA.FORTE
EXATAMENTE.IGUAL

22. *As suas condições físicas, psico-motoras e culturais permitiram-lhe iniciar a expansão pelo planeta*

FÍSICO PENSAMENTO CULTURA MOVIMENTO
PODER PLANETA EXPANDIR-SE ATÉ.AGORA

Alteração da ordem da enumeração das diferentes condições.

23. *E, evoluindo para outras subespécies, chegar à Europa e muito mais tarde à Península Ibérica e à Batalha.*

OUTROS GERAÇÕES MAIS.TARDE EUROPA DIRIGIR-
SE-PL TAMBÉM PORTUGAL ESPANHA ZONA FORMA
CENTRO CERTO BATALHA CHEGAR CERTO

COMENTÁRIOS:

Um dos cuidados a ter na tradução deste texto em particular, foi o de não haver demasiada informação escrita e transmitir as características próprias de cada peça descrita, por forma a não tornar o texto de chegada demasiado complexo e impreciso.

A escolha de palavras do texto de partida foi idealizada com vista à paridade com a grandiosidade das peças expostas, característica que também foi tida em conta na sua transposição para a LGP, mas dada a

natureza visual desta língua, não foi feita através do uso de adjetivos, mas da reprodução da forma das réplicas quer por classificadores, gestos icónicos ou incorporação das características das réplicas.

8. Texto “19 – PROMESSA REAL CUMPRIDA”

[Link da tradução – vídeo 19](#)

APRESENTAÇÃO:

Explicação acerca do local escolhido para a implementação da igreja, das suas fases de construção e proporções. Texto que apresenta uma riqueza descritiva, com vista à pormenorização das características da sua proporção.

1. *Promessa Real Cumprida*

PROMESSA REI CONSEGUIR DE.FACTO/FOI

2. *Um vale próximo do campo da Batalha Real, abundante em água para as fundações e perto de boas pedreiras,*

VALE-FORMA ZONA PERTO DE.FACTO/FOI GUERRA
DE.FACTO/FOI ÁGUA SUBIR SUFICIENTE BASE
FORTE TAMBÉM PEDRAS-DIST BOAS

3. *Foi o lugar escolhido para construir uma igreja que perpetuasse a memória e o esplendor da vitória de Aljubarrota e da nova dinastia.*

ÁREA SELECCIONAR OBJETIVO IGREJA CONSTRUIR
POR.CAUSA EU LEMBRAR **GUERRA** ENALTECER
TAMBÉM REI HOMENAGEM DE.FACTO/FOI

Para transmitir a ideia de ‘vitória de Aljubarrota’, optou-se por utilizar a técnica da generalização, ou seja, foi substituída por GUERRA, pois já havia sido feita uma referência à vitória de Portugal na batalha de Aljubarrota.

4. *A construção do mosteiro teve diversas fases e envolveu várias gerações de reis.*

MOSTEIRO.GRANDE FASES-GRAD VÁRIAS TAMBÉM
REI GERAÇÕES VÁRIAS

5. *A magnitude da obra obrigou à **presença** de muitos artistas nacionais e estrangeiros,*

POR.CAUSA MOSTEIRO.GRANDE SER.OBRIGADO
ARTE PORTUGAL ESTRANGEIRO **PESSOAS.DIRIGIR-**
LOC DE.FACTO/FOI

O termo ‘presença’ foi trocado pela ideia de várias pessoas a deslocar-se para o local exato da construção, após a identificação de quem foi envolvido na obra, uma vez que o sentido seria garantido através desta estrutura classificadora e não seria tão claro através do gesto icónico de presença.

6. Que durante os séculos XV e XVI marcaram com o seu estilo as diversas etapas da sua construção.

S-E-C 15 16 DAR FORMA MEU ADAPTAR NÍVEIS VÁRIOS

7. É um conjunto de dimensões colossais,
CASAS-DIST MUITO.GRANDE

Apesar de existir um gesto para CONJUNTO/GRUPO, optou-se por especificar que eram vários os edifícios que compunham o mosteiro, através do uso do classificador de ‘casa’, uma vez que a tradução literal seria vaga e pouco perceptível pela morfologia do gesto.

8. Só a igreja tem 88 metros de comprimento por 40 de largura e 29 de altura na nave central, tendo a sua flecha mais de 43 metros.

IGREJA	1	METROS.COMPRIMENTO	88
METROS.LARGURA	40	METROS. ALTURA	29
CORREDOR.CENTRAL	SÓ	FLECHA-FORMA	43
METROS. ALTURA MAIS			

9. Com o estaleiro, nasceu uma oficina de pesquisa e formação de arquitectos, escultores e vitralistas,

POR.CAUSA FORA APOIO TER LÁ ESPAÇO CRIAR INVESTIGAÇÃO TAMBÉM ESCULTURA

ARQUITECTURA VIDROS ELABORAR FORMAÇÃO DE.FACTO/FOI

A amarelo, destaque para uma paráfrase da ideia de estaleiro e, a verde, uma generalização.

10. Cuja obra se estendeu por todo Portugal e que, em muitos aspectos, simbolizou o fenómeno de criatividade, desenvolvimento económico e expansão do novo estado e as manifestações do seu poder.

TAMBÉM DAR PORTUGAL IGUAL IDEIA CRIAR-ASP.CONT PORTUGAL COMÉRCIO DESENVOLVER-ASPGRAD TAMBÉM GOVERNO NOVO ESPALHAR-SE TAMBÉM PODER SEU MOSTRAR DE.FACTO/FOI

11. As obras, que se prolongariam por mais de 2 séculos, foram infelizmente interrompidas e os artistas deslocados para outros centros construtivos reais,

OBRAS MESMAS IGUAL PERÍODO CONTINUAR ANOS 200 MAIS INTERRUPÇÃO PARAR QUEM TRABALHAR ESTAVA MUDAR-ASP.DIST OUTROS

Na altura, estes artistas trabalhavam para a casa real, pelo que se optou por omitir a ideia de ‘centros construtivos reais’, por se considerar que esta ideia já estaria implícita na construção frásica, nomeadamente na execução do verbo

(MUDAR-ASP.DIST), pois já implica a mudança destas pessoas para outros locais.

12. *Ficando as últimas capelas, como seu nome indica, inacabadas.*

IGREJA ÚLTIMO NOME AGORA EXATAMENTE.IGUAL CONCLUIR FALTAR

13. *Algumas dependências de serviço foram construídas posteriormente na parede leste do mosteiro.*

ALGUNS TRABALHOS DE.FACTO/FOI À.PARTE MAIS.TARDE PAREDE-LOC EDIFÍCIO.AO.LADO

Ideia de que 'foram construídas' foi omitida, pois, estando-se a referir a edifícios, a simples execução do seu classificador de forma já pressupõe uma construção prévia.

14. *Arderam completamente durante as invasões de 1808-1811.*

DEPOIS FOGO POR.CAUSA ATAQUE 1.808 ATÉ 1.811 CERTO

15. *Restauro promovido por Luis Mouzinho de Albuquerque a partir de 1841,*

OUTRA.VEZ CONSTRUIR SEU QUEM? NOME ESTE ELE RESPONSÁVEL ANO-DATA 1.841

Paráfrase do termo 'restauro'.

16. *As obras e o Plano de Urbanização da Vila dos anos 60 do século XX*

DEPOIS ARQUITECTURA OUTRA.VEZ VILA ANO-
DATA 1.960

17. *Deram ao Mosteiro o seu aspetto atual.*

DAR FORMA EXATAMENTE.IGUAL AGORA

Omissão de 'Mosteiro', por estar implícito no encadeamento
do texto gestual.

COMENTÁRIOS:

Para a transmissão plena da mensagem, foi necessário pesquisar uma série de conceitos, pois, ainda que não existissem gestos convencionados, estes teriam de ser transmitidos de forma clara em LGP. Para tal, optou-se por visualizar imagens do Mosteiro da Batalha, para que as localizações espaciais dos elementos relacionais fossem percetíveis para as pessoas surdas, tendo utilizado várias estruturas classificadoras, localização sintática e no espaço gestual e os valores aspetuais verbais para transcrever a imagética e a ação presentes no texto de partida.

9. Texto “22 – TEMPOS DE ESQUECIMENTO”

[Link da tradução – vídeo 22](#)

APRESENTAÇÃO:

Explicação rica em passagens e momentos históricos, bem como de questões sociológicas associadas a essas circunstâncias, que provocaram o “esquecimento” do Mosteiro e da Batalha durante o período referido neste texto. Apesar não existirem imagens da época referentes à vila e aos seus monumentos, estas foram obtidas de forma indireta, através de testemunhos e relatos de visitantes e outras pessoas, como é o caso de relatores oficiais. Destaque para o livro virtual presente na exposição, que reúne e exibe as imagens e os relatos da época retratada.

1. *Tempos de Esquecimento*

PERÍODO QUANDO ESQUECER

Tal como já referido, a noção de tempo em LGP é representada por significantes distintos consoante os traços semânticos que carregam, ou seja, se nos referimos a horas, meses ou algo não-concreto como neste caso. Assim, optou-se por traduzir ‘tempos’ por PERÍODO QUANDO.

2. *Declínio das obras de construção no convento marcou o início de um longo período de decadência e esquecimento para o mosteiro e sua vila,*

POR CAUSA MOSTEIRO-LOC TRABALHO
CONSTRUÇÃO DECLÍNIO DAR IGUAL PRINCÍPIO
PERÍODO ANOS DECLÍNIO TAMBÉM ESQUECER

ABANDONAR-LOC MOSTEIRO TAMBÉM VILA ZONA
OS.2

Apesar da enumeração de MOSTEIRO e de VILA, houve necessidade de reforçar a ideia, indicando OS.2.

3. *Que se prolongaria durante praticamente dois séculos.*

CONTINUAR-ASP.CONT MAIS.OU.MENOS ANOS 200

Substituição de ‘dois séculos’ por ANOS 200, por ter maior clareza do ponto de vista da percepção da continuidade do período específico e por ser mais natural esta representação em LGP.

4. *A memória perdida da vila e do convento foi recuperada pelos desenhos, gravuras e descrições de relatores oficiais e visitantes, na sua passagem pela região.*

POR.CAUSA ESQUECER OS.2 TAMBÉM ABANDONAR-OS.2 ENTÃO LEMBRAR COMO? DESENHO GRAVURA-PL EXPLICAR OFICIAL ESCRIVER TAMBÉM VISITAR ALGUNS DIRIGIR-SE VILA VER ESCRVER DE.FACTO/FOI

Nesta frase, devido ao facto de os ‘desenhos, gravuras e descrições’ terem sido realizados por ‘relatores oficiais e visitantes’, decidiu-se que, após a indicação do que havia sido recuperado, a ação fosse reforçada, através da menção de quem o fez e como o fez.

5. No livro virtual encontrará alguns exemplos dessas obras e de PÁGINAS DOS LIVROS da época aqui expostos.

LIVRO-FORMA DIGITAL LÁ EXEMPLO ALGUNS TAMBÉM PÁGINA SEU LIVRO ANTIGO LIVRO-FORMA TOCAR-LOC VIRAR.PÁGINAS-ASP.CONT

Ampliação da noção de ‘aqui expostos’, através da explicação de como o visitante deve proceder para acceder à coleção de imagens no livro digital.

6. As invasões napoleónicas, no início do século XIX, deixaram um rastro de morte e destruição, cujas marcas ainda hoje se conseguem reconhecer no Mosteiro.

POR.CAUSA NAPOLEÃO-NG INVASÕES S-E-C 19 PRINCÍPIO DAR MORTO-PL TAMBÉM DESTRUIR AGORA NA.MESMA MOSTEIRO PEDRAS LÁ-LÁ-LÁ

O uso do vocábulo glosado como LÁ-LÁ-LÁ assume-se como deílico espacial utilizado com o sentido de indicar que essas marcas ainda existem e que podem ser vistas.

7. Muitas vidas foram destruídas e monumentos delapidados.

ALGUMAS PESSOAS TANTAS MORRER TAMBÉM COISAS CASAS IGREJA DESTRUIR DE.FACTO/FOI

Paráfrase da ideia de ‘monumentos’, através da exemplificação de alguns tipos de monumentos.

8. *Também a extinção das ordens religiosas ditadas pelo governo liberal de 1834, trouxe maus dias para o mosteiro e para a região.*
POR.CAUSA GOVERNO LIVRE MANDAR IGREJAS LÁ-
LOC.DIST DESTRUIR **EXTINGUIR-ASP.GRAD.DIST**
DAR VIDA MAU MOSTEIRO-LOC TAMBÉM ZONA
BATALHA CERTO

Destaque para o verbo **EXTINGUIR**, que, na sua execução, indica as noções aspetuais gradual e distributiva.

9. *Será necessária a chegada dos anos 40 do século XIX para que a Batalha **inicie lentamente a sua recuperação**.*

DEPOIS S-E-C 19 ANO-DATA 1840 BATALHA
AOS.POUCOS DESENVOLVER-ASP.GRAD CERTO

Apesar da construção perifrástica que indica que a recuperação da Batalha foi feita **AOS.POUCOS**, a própria execução do verbo **DESENVOLVER** (no aspetto gradual e com pausas demarcadas entre cada uma das etapas da sua evolução) transmite que essa evolução foi demorada.

COMENTÁRIOS:

Nesta fase da exposição, além de ser necessário que as datas e momentos históricos fossem retratados, foi importante tomar conhecimento do funcionamento do livro digital, para que as pessoas surdas (que não tinham explicação em LGP das funcionalidades)

pudessem perceber como ‘virar a página’ do livro exposto. Destacamos o recurso ao valor aspetual verbal na tradução.

10. Texto “25 – UMA BATALHA SEM FIM”

[Link da tradução – vídeo 25](#)

APRESENTAÇÃO:

Texto que visa a apresentação das alterações políticas locais, o que, por conter muitos pormenores, datas e factos, se torna num excerto de difícil retenção de toda a informação. Ainda assim, as ideias principais a reter daqui baseiam-se no realce do empenho e da luta da comunidade na reivindicação do poder local para a sua posse.

1. *Uma Batalha Sem Fim*

LUTAR-ASP.CONT FIM NÃO.HAVER

Apesar de uma mais vez surgir a palavra ‘batalha’ com um significado diferente do de ‘guerra’ e de ter sido escolhida esta palavra pela referência ao nome da vila retratada nesta exposição, na LGP é necessário haver uma especificação e, desta feita, a ideia seria a de ‘luta’. Ainda assim, não havendo fim à vista para esta ‘batalha’, optou-se por transformar o nome num verbo, tendo este sido executado de forma a seguir as modulações específicas do aspeto contínuo e com o reforço da ideia de que não teria fim.

2. *Mas de entre todos os esforços da comunidade da Batalha neste período,*

PESSOAS COMUNIDADE BATALHA SEU ESFORÇO
TANTOS

3. *Mais duro e difícil foi, sem dúvida, a luta travada e ganha pela população em defesa de seu Concelho.*

DIFÍCIL PIOR QUAL? DÚVIDA NÃO HAVER LUTAR-
ASP.CONT TAMBÉM GANHAR QUEM? PESSOAS
POPULAÇÃO DEFESA REGIÃO CÂMARA MEU
DE.FACTO/FOI

A verde, perguntas retóricas que servem de conectores
frásicos na LGP e, a amarelo, especificação do uso da técnica
do role-shift, para facilitar a percepção da ideia.

4. *Tinha sido extinto em 1836, num período de grande degradação do mosteiro, tendo mesmo sido transferida a sede da freguesia para o convento.*

EXTINÇÃO 1.836 ANO-DATA MESMO POR.CAUSA
MOSTEIRO DIMINUIR FREGUESIA SEDE MUDAR-
2PRO3 CONVENTO DENTRO CERTO

5. *Foi, no entanto, restaurado um ano depois, em 1837,*
MAS ANO-DATA 1 JÁ.TERA CONTECIDO DE.FACTO/FOI
OUTRA.VEZ CRIAR CERTO

6. *E durante mais de 50 anos, as obras de recuperação do mosteiro e o início da lavra mineira impulsionaram a atividade municipal.*

50 ANOS MAIS POR CAUSA TRABALHO CONSTRUIR
DESENVOLVER MOSTEIRO TAMBÉM MINA TRABALHO
DAR INTERAÇÃO PRINCIPAL INCENTIVAR CERTO

Omissão de ‘municipal’, por estar implícita no uso do signo
gestual INTERAÇÃO.

7. *Mas a sua extinção e integração no Concelho de Leiria, de novo em 1895,*

MAS EXTINÇÃO DE.FACTO/FOI QUANDO
OUTRA.VEZ 1.895 LEIRIA-NG CÂMARA DENTRO
DE.FACTO/FOI

8. *Provocariam uma forte reação da comunidade que apresentou um*
abaixo-assinado ao rei D. Carlos em 1897.

PESSOAS ZONA BATALHA-NG REGIÃO SEU CONCORDAR
NÃO PROTESTAR ASSINAR-ASP.CONTR/PROG MOSTRAR
QUEM? REI NOME ESTE NOME.GESTUAL 1.897

Ampliação da ideia principal da frase, especificando qual seria a ‘reação’ e para o conceito de ‘comunidade’ foi dada informação adicional do local a que pertenceriam as pessoas.

9. *A restauração definitiva teria lugar por real decreto de 13 de Janeiro de 1898.*

100% FIM LEI AUTORIZAR APPROVAR CÂMARA
BATALHA REGIÃO SEU QUANDO? 1.898 DIA 13
JANEIRO

10. *A luta pela defesa da sobrevivência do Concelho deu à população e aos seus líderes sociais a oportunidade de se associarem por uma causa*

POR.CAUSA CÂMARA REGIÃO LUTAR-ASP.CONT
DEFESA PESSOAS POPULAÇÃO TAMBÉM LÍDER
SOCIEDADE POSSÍVEL OBJETIVO 1 INTERAGIR
TODOS.COLABORAR

11. *E, sobretudo, de comprovar a força e o poder de uma comunidade quando trabalha em conjunto.*

TAMBÉM PROVA PODER COMUNIDADE SÓ.SE
TODOS.COLABORAR OBJETIVO 1 PODER MUITO

Reforço da ideia de ‘força e poder’, através da sua repetição no final da frase.

12. *A iniciativa promoveria o sentido de identidade, desenvolvimento económico, cultural e sociopolítico que daria frutos por todo o século XX.*

ISSO DAR IDENTIDADE TAMBÉM ECONOMIA
DESENVOLVER CULTURA DESENVOLVER TAMBÉM
SOCIEDADE POLÍTICA CONTINUAR S-E-C 20 CERTO

Enumeração de cada uma das diferentes áreas, seguida da repetição das ideias de DESENVOLVER e CONTINUAR. Mais uma vez, o reforço da ação para uma maior expressividade e clareza na informação.

COMENTÁRIOS:

Tal como pôde ser visto na apresentação desta parte da exposição, é um texto com a informação de muitos factos e questões que não são fáceis de serem percebidos pela maior parte dos cidadãos, pelo que houve o cuidado de selecionar elementos frásicos essenciais para uma boa compreensão dos factos, omitindo ideias implícitas, repetindo algumas que, dada a construção frásica, carecessem de reforço após enumeração de elementos ou fazendo ampliações para clarificar conceitos.

11. Texto “28 – DESPEDIDA”

[Link da tradução – vídeo 28](#)

APRESENTAÇÃO:

Texto que finaliza a visita ao museu, com a conclusão feita pela museóloga responsável e que enaltece o facto de a exposição ter sido criada e construída em conjunto com a população do concelho, transmitindo uma sensação de dinamismo à exposição e de identificação das pessoas com a história retratada e com os objetos expostos.

1. *Despedida*

DESPEDIDA

2. *Chegados ao fim desta visita ao MCCB, ficam, em jeito de síntese, as palavras da museóloga Ana Mercedes Stoffel:*

AGORA VISITA FIM ENTÃO MUSEU MESMO AGORA
RESUMO CONCLUSÃO DISCURSO SEU SENHORA
MUSEU EXPERIENTE NOME ESTE

Indicação do local exato onde surgiria a legenda com o nome da museóloga.

3. *Esta é a história que as pessoas da Batalha quiseram que fosse contada.*

HISTÓRIA MESMO JÁ.VER IGUAL PESSOAS BATALHA
PRÓPRIO DESEJAR CONTAR DE.FACTO/FOI

Ampliação da ideia original, de forma a esclarecer que a história que era referida era a que tinha sido visualizada pelos visitantes, havendo necessidade, por isso, de introduzir o verbo JÁ.VER.

4. *Com eles construímos uma base de dados que tem mais de 200 ou 300 acontecimentos diferentes*

PESSOAS INTERAGIR INFORMAÇÕES ELABORAR/
REGISTAR TER APARECER-ASP.CONT 200 300 MAIS
DIFERENTES

Apesar de existir um gesto na LGP que indica JUNTO/COM, optou-se pela concretização desta ideia, com o uso dos gestos PESSOAS INTERAGIR. A verde, na LGP, apesar do gesto ser denominado por APARECER-ASP.CONT, este também pode significar ‘acontecimentos que foram surgindo’, pois foi realizado no aspetto continuativo, ou seja, houve uma reduplicação da ação com as duas mãos, para indicar também o plural.

5. *Que foram votados e deles foram escolhidos os 30 ou 40 fundamentais e são esses que constam nesta história do Museu.*

PESSOAS VOTAR ESCOLHER 30 40 IMPORTANTE 1º
BASE SER.MESMO.ISSO 30 40 MESMO HISTÓRIA
MUSEU LIGADO HAVER-ASP.DIST JÁ.VER

Ampliação da ideia de ‘votar’, através do reforço com o uso do gesto ESCOLHER. A verde, estão destacados elementos da frase que, havendo uma referência inicial à quantidade e utilizando elementos conectores para não haver repetições de palavras no português, ao transpor para o texto de chegada, concluiu-se que seria mais claro repetir o número exato, seguido de MESMO, marcador que o enfatiza e concretiza.

6. *Com eles construímos a história*

PESSOAS INTERAGIR HISTÓRIA ELABORAR
PRONTO

Introdução do gesto PRONTO, aqui marcador temporal de pretérito perfeito, de forma a especificar que a construção da história foi concluída.

7. *E depois da história construída, procurámos encontrar os objetos da Câmara Municipal, do Museu e das pessoas da comunidade*
DEPOIS HISTÓRIA-DISCIPLINA CERTO FALTAR
OBJECTOS APONTA-1 CÂMARA SEU APONTA-2
MUSEU SEU TAMBÉM FALTAR APONTA-3 PESSOAS
COMUNIDADE SEU

8. *Que, sendo ainda deles, estão no Museu para ilustrar, às pessoas que vêm de fora e a eles próprios, a história deste território.*
MESMO SEU ESTAR MAS MUSEU EMPRESTAR DAR-
ASP.DIST PESSOAS VER QUEM? FORA TAMBÉM
EU.PRÓPRIO VER FICAR.A.CONHECER HISTÓRIA
MEU HISTÓRIA-DISCIPLINA LIGADO CERTO

A amarelo, paráfrase da palavra ‘ilustrar’, com base na ideia de que os objetos tinham sido emprestados pela população e que estavam distribuídos na exposição. O uso do gesto EMPRESTAR surge aqui também com o intuito de

reforçar a noção de que os objetos seriam ainda da população e que só estariam ali provisoriamente. A verde, a ideia de ‘história’, que se refere à história das pessoas (habitantes do concelho da Batalha) e, para estes, foi executado de gesto de HISTÓRIA comum e, para indicar a história do território, optou-se por repetir a ideia de HISTÓRIA-DISCIPLINA, por estar associada à História, enquanto disciplina, ou ciência que estuda o passado e o analisa do ponto de vista evolutivo.

9. *A maioria das peças que se encontram neste museu, não pertencem ao Museu.*

COISAS TER-ASP-DIST MAIORIA MUSEU SEU-LOC1?
NÃO

10. *Pertencem às pessoas que construíram o museu com ela[s] e provavelmente mais tarde ou mais cedo levarão essas peças para casa e outras peças virão.*

PESSOAS SEU-LOC2 TAMBÉM POSSÍVEL MAIS.TARDE
VÁ.VÁ COISAS MEU LEVAR CASA NOVAS PÔR-LOC1
POSSÍVEL

11. *Isso implica que muitas pessoas mais, todos os dias, se envolvem e se continuarão a envolver no museu e é isso que lhe dará vida...*

ENTÃO DAR PESSOAS AUMENTAR TODOS.OS.DIAS POSSÍVEL INTERAGIR LIGADO TAMBÉM PARA SEMPRE CONTINUAR DAR VIDA SER.ISSO.MESMO

12. E ir conhecendo melhor a história através da história que as próprias pessoas contam

CONHECER AOS.POUCOS EU.PRÓPRIO
FICAR.A.CONHECER COMO? PORQUE PESSOAS
CONTAR-2PRO1

Uso do role-shift, de forma a incorporar a figura do visitante da exposição e as várias pessoas que participaram neste projeto que estão a contar (ao visitante) a sua história.

13. E isso se transformar numa construção de futuro bem mais sólida que a mera informação.

SER.ISSO.MESMO DAR FUTURO CONSTRUIR SÓ INFORMAÇÃO NÃO FALTAR

Após uma pequena pausa a seguir à negação, houve a necessidade de introduzir o gesto FALTAR, para reforçar a ideia de que a informação por si só não seria suficiente e que faltaria algo mais (o envolvimento das pessoas e a cedência dos seus objetos) para a ‘construção do futuro’.

COMENTÁRIOS:

Um dos cuidados a ter na transposição deste texto para a língua alvo, foi o de transmitir de forma clara o envolvimento da população,

criando dois pontos distintos para a localização da população e do museu, para que pudessem ser facilmente percebidas as ideias referentes (ora às pessoas ora ao local exato da exposição) e, desta forma, criar uma série de conectores com vista à coesão textual.

A expressão facial também sofreu alterações pois, apesar de existir uma legenda a identificar que era uma explicação feita por outra pessoa que não os guias da exposição, as próprias modulações vocais da museóloga também denotam uma certa emotividade e satisfação no seu relato, pelo que esta componente visual – que é a expressão da cara – é muito importante para a compreensão destas nuances de intensificação da mensagem transmitida.

CONCLUSÕES

Com esta análise da interpretação realizada para um contexto tão específico como é o caso de um museu, pretendeu-se dar a conhecer uma série de desafios que são colocados ao intérprete de LGP quando trabalha com textos desta natureza e demonstrar que as escolhas do profissional não são feitas ao acaso, havendo inúmeras razões para este se decidir por uma alternativa em detrimento de outra que considere menos válida.

Em relação aos desafios concretos deste trabalho, estes surgiram, sobretudo, na preparação prévia do texto de partida, inicialmente na percepção e descodificação dos conceitos tratados, na sua adequação ao espaço ocupado pela exposição do museu e, num momento posterior, na gravação da interpretação, devido ao facto do ritmo da voz-off ser muito rápido além da modalidade distinta das duas línguas e, consequentemente, a diferente organização sintática. Assim, houve várias repetições das gravações até se chegar ao produto final.

Alguns textos de partida, pela sua organização formal e densidade de informação (principalmente política e histórica), foram muito difíceis de adaptar e acompanhar em LGP, de forma a evitar uma tradução literal, o que poderia comprometer a compreensão por parte das pessoas surdas.

Ainda assim, nas aulas de tradução e interpretação, é prática alertar os estudantes de interpretação para o facto de não existirem traduções perfeitas, ou seja, aquando de uma revisão às escolhas feitas pelo intérprete, estas seriam passíveis de alterações e/ou reformulações,

por parte do próprio ou de outra pessoa. É facto que dois intérpretes poderiam apresentar propostas de tradução completamente distintas, pois, como foi visto a partir do modelo de Colonomos, são muitos os fatores que os fazem optar pela forma final do texto de chegada, relacionados com as suas vivências pessoais, alojadas na sua memória a longo prazo, além dos próprios conhecimentos linguísticos e culturais que possuem relativamente às línguas com que trabalham.

Após esta análise, caso houvesse a oportunidade de repetir esta interpretação, ela seria certamente alterada, pois as experiências vividas foram ampliadas e algumas ideias seriam reformuladas para que a mensagem se tornasse ainda mais facilmente percebida pelas pessoas surdas, havendo questões que poderiam ser melhoradas, como é o caso de ainda se notarem algumas hesitações ou pausas por parte da intérprete (ainda que muito breves), o que, voltando a repetir a gravação, poderiam ser corrigidas.

Continuando com o tema do ritmo da gravação, constatou-se a existência de bastantes repetições de ideias que, apesar deste uso corresponder a uma técnica de tradução (reforço), poderia dar lugar a uma maior ênfase corporal expressiva para criar coerência e coesão textual, em vez da reprodução do gesto TAMBÉM. Alguns gestos realizados também poderiam ser substituídos por outros que pudessem fazer mais sentido, como é o caso de MAIS.TARDE, que poderia ser alterado para ANOS DEPOIS/FUTURO, pois esta ideia de posteridade refere-se a um período de anos e não referente ao tempo contabilizado por um relógio.

Neste caso concreto, e tendo sido um trabalho preparado – assemelhando-se desta forma a uma tradução escrita –, este distingue-se das interpretações simultâneas realizadas pelos intérpretes de língua gestual, que tendem a atuar no momento, sem terem tempo para refletir convenientemente acerca das opções de tradução e fazendo as suas escolhas em milésimos de segundos, quase a par do discurso emitido na língua de partida.

Desta forma, o trabalho aqui apresentado passou por uma série de etapas de preparação e de validação que não costumam existir nas interpretações realizadas para a LGP, por não haver tempo para serem produzidas. Porém, é de reter que o facto de não termos dividido os vídeos consoante o limite epocal de cada um prejudicou a especialização e a pesquisa concretas o que levou a algumas falhas de tradução, nomeadamente anacronismos.

Além disso, seria muito interessante que integrasse a equipa de tradução alguém com conhecimentos sólidos e especializados de cultura portuguesa para poder limar possíveis desvios linguísticos. Muitas vezes, quem redige o texto de partida de um museu é um especialista que usa arcaísmos, para conferir saber histórico ao seu texto, ou vocabulário específico, mas não costuma existir diálogo participativo entre os intérpretes, a comunidade surda e o especialista.

Importa salvaguardar questões que se colocam aquando da transposição de uma língua oral para uma visual, por possuírem modalidades muito distintas, logo de ordenação frásica independente uma da outra, devendo o intérprete acautelar-se para esta questão e

evitar a influência da sua língua materna na construção de frases na LGP. Além disso, deve dominar vocabulário e ambas as línguas, tendo o cuidado para usar léxico puro, ou seja, cristalizado e de uso frequente, na sua tradução para que o discurso gestual seja fluído e natural.

Sendo este tipo de tradução muito específica e técnica, é crucial haver não só a tradução dos conteúdos, mas também uma adaptação ao espaço onde o texto gestual vai ser visto, aos objetos expostos no museu, à identificação visual de questões históricas, geográficas e culturais, completadas com legendas, de nomes de pessoas e de locais, ou referentes a informações relativas a pessoas que falavam no texto áudio.

Do ponto de vista da defesa da língua gestual, esta análise serve também para a desmistificação de que uma língua visual não possui uma variedade vocabular para a transmissão de discursos abstratos, pois esta riqueza está presente na LGP, como em qualquer língua. Nunca poderemos ser fiéis numa tradução, mas devemos garantir a clareza da mensagem e a riqueza de ambos os discursos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Amaral, M. Coutinho A. (1994). *Para Uma Gramática da Língua Gestual Portuguesa*. Editorial Caminho.

Correia, I. (2009). *O Parâmetro Expressão na Língua Gestual Portuguesa: Unidade Suprassegmental*. EXEDRA. disponível em <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3398317>, consultado em 12-10-2016.

Correia, I. (2016). Descrever a LGP em contexto Bilingue: o género. *Leitura*, v.1, nº57, pp.172-197, <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/2854>

Correia, I., Custódio, P., Campos, R. (Coord.). (2019). *Línguas de Sinais: Cultura. Educação. Identidade*. Sítio do Livro.

Correia, I. (2020). O Parâmetro Movimento em Língua de Sinais Portuguesa. DEDiCA Revista De Educação E Humanidades (dreh), (17), 41–56. <https://doi.org/10.30827/dreh.v0i17.9354>

Correia, I., Oliveira, R. & Sousa, J. (2020). “Como dura o tempo. Expressões de Valor Aspectual em Língua de Sinais Portuguesa”, in Moutinho, L.; Lídia, R. & Bautista, A. (Coord). *Línguas Minoritárias e Variação Linguística*. Universidade de Aveiro, pp. 63-90.

Correia, I. Santana, N. & Silva, R. (2020). Duas Línguas e Duas interlínguas? Influência do português na Língua de Sinais Portuguesa, in Moutinho, L., Lídia, R. & Bautista, A. (Coord.) *Línguas Minoritárias e Variação Linguística*. Universidade de Aveiro, pp. 91-117

Correia, I; Custódio, P; Silva, R. (2021). *Língua de Sinais Portuguesa: Estudos linguísticos sobre morfologia e SignWriting*. Sítio do Livro.

Correia, I. Custódio, P, Campos, R. (Coord). (2022). *Línguas de sinais além-mar: propostas de investigação e desafios*. eManuscrito.

Correia, I., & Silva, R. C. (2023). Breves considerações sobre a Expressão Não Manual na Língua Gestual/de Sinais Portuguesa. *Revincluso Revista Inclusão&Sociedade*, 3(1). <https://doi.org/10.36942/revincluso.v3i1.901>, <https://periodicos.ufabc.edu.br/index.php/revincluso/article/view/901>

Fawcett, P. (1997). *Translation and Language*. St. Jerome.

Metzeger, M. (1999). *Sign Language Interpreting – Deconstructing the Myth of Neutrality*. Gallaudet University Press.

Mindess, A., (1999). *Reading Between the Signs – Intercultural Communication for Sign Language Interpreters*. Intercultural Press, Inc.

Ojala, R., L. S. Gibson, (2005). *La Interpretación de los Signos Internacionales*, CNSE – Confederación Nacional de Sordos de España.

Quadros, R., L. Karnopp (2004). *Língua de Sinais Brasileira – Estudos Lingüísticos*. Artmed Editora.

Roy, C. B (2000). *Innovative Practices for Teaching Sign Language Interpreters*. Gallaudet University Press.

Sandler, W. & Lillo-Martin, D. (2006). *Sign Language and Linguistic Universals*. Cambridge University Press.

Schembri, AC. (2003). Rethinking 'Classifiers' In Signed Languages. In K. Emmorey (Ed.), *Classifier Constructions in Signed Languages* (pp. 3 - 34). Lawrence Erlbaum Associates: Mahwah, NJ

SOBRE AS AUTORAS E O AUTOR

Neuza Alexandra Marcelino Santana é intérprete desde o ano 2000,



tendo frequentado a Licenciatura bi-etápica de Tradução e Interpretação de Língua Gestual Portuguesa da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal (1997-2002). Tem um Mestrado em Língua Gestual Catalã de âmbito Linguístico, da Faculdade de Psicologia e Ciências do Professorado da Universidade de Barcelona (2002/2004) e uma Pós-Graduação em Língua Gestual Portuguesa e Educação de Surdos, da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade Católica Portuguesa (2005/2006).

Em 2014 fez as provas públicas para obtenção do Título de Especialista. Atualmente, está a terminar a sua tese de doutoramento, do programa de Linguística (Universidade de Évora), um estudo linguístico que incide nas estratégias utilizadas por intérpretes de LGP, na tradução de textos de diferentes tipologias.

Além da proficiência em LGP, recebeu formação em Língua Gestual Catalã, Língua Gestual Italiana e Sistema de Gestos Internacional e participou em workshops de Língua Gestual Brasileira e de Língua Gestual Espanhola.

Tem uma experiência de quase 25 anos como intérprete de Língua Gestual Portuguesa, tendo interpretado e coordenado equipas de intérpretes de vários eventos nacionais e internacionais. Atuou e atua

como intérprete de LGP em praticamente todos os contextos, como: movimento associativo, educação, ensino superior, eventos desportivos, culturais, sociais, políticos, médicos, científicos, televisivos, entre outros. Ainda na qualidade de intérprete, colaborou com diversas instituições nacionais e internacionais, como diferentes Ministérios (da Educação, da Ciência e Ensino Superior, do Desporto, da Segurança Social, da Cultura), Federação Portuguesa das Associações de Surdos, Comité Paralímpico de Portugal, Parlamento Europeu, Comité Internacional de Desportos para Surdos, Jornada Mundial da Juventude, Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima.

Isabel Sofia Calvário Correia é Professora Coordenadora na Escola Superior de Educação do Politécnico de Coimbra. Coordenadora do Mestrado em Ensino de Língua Gestual Portuguesa na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Coimbra. Investigadora Responsável da linha “Interpretação, Ensino e Investigação em Línguas de Sinais” afeta ao Núcleo de Investigação em Educação, Formação e Investigação da ESEC. Autora de livros e artigos científicos na área das línguas de sinais.



Pedro Balaus Custódio é Licenciado em Línguas e Literaturas



Modernas, variante de Estudos Portugueses e Franceses na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (1987); especializado em Ensino do Português pela mesma faculdade (1989) e Mestre em Literatura Portuguesa pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (1992).

Em 2004 doutorou-se em Didática da Literatura na Universidade de Coimbra.

É Professor Coordenador Principal na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Coimbra.

